



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAFAELA MACIEL DO VALE

**EXPRESSÕES DESCRITIVAS EM PARKATÊJÊ: ASPECTOS SEMÂNTICOS
E MORFOSSINTÁTICOS**

Belém
2016

RAFAELA MACIEL DO VALE

**EXPRESSÕES DESCRITIVAS EM PARKATÊJÊ: ASPECTOS SEMÂNTICOS
E MORFOSSINTÁTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras – da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora:

Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Belém

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Vale, Rafaela Maciel do, 1990-
Expressões descritivas em parkatêjê : aspectos
semânticos e morfossintáticos / Rafaela Maciel do Vale.
- 2016.

Orientadora: Marília de Nazaré de Oliveira
Ferreira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Letras e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2016.

1. Línguas indígenas - Fonética. 2. Índios
Parkatêjê - Línguas. 3. Sociolinguística. I.
Título.

CDD 22. ed. 498

RAFAELA MACIEL DO VALE

**EXPRESSÕES DESCRITIVAS EM PARKATÊJÊ: ASPECTOS SEMÂNTICOS
E MORFOSSINTÁTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras – da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

DATA DE APROVAÇÃO: 26 / 02 / 2016

BANCA EXAMINADORA:

_____ - Orientadora

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Professora Doutora em Linguística (UFPA)

_____ - Examinadora externa

Flávia de Castro Alves

Professora Doutora em Linguística (UnB)

_____ - Examinadora interna

Ângela Fabíola Alves Chagas

Professora Doutora em Linguística (UFPA)

_____ - Suplente

Sidney da Silva Facundes

Professor Doutor em Linguística (UFPA)

A José e Amélia, meus pais,
exemplos de dedicação, coragem e amor.

AGRADECIMENTOS

Há um provérbio antigo e muito verdadeiro que diz “a gratidão é a memória do coração”, por isso, considero essencial lembrar daquelas pessoas que, direta ou indiretamente, foram essenciais na construção desse trabalho. Amigos que me apoiaram e me acolheram com tanto carinho em tantos momentos, a essas pessoas eu sou muito grata!

Agradeço, primeiramente, a Deus, sem Ele eu não teria chegado até aqui, foram incontáveis vezes em que me deparei com situações difíceis durante estes dois anos, mas sempre pude encontrar nEle um refúgio seguro. Sou grata, por me dar forças para vencer mais esta batalha!

Agradeço aos meus queridos pais, José e Amélia, a quem devo tudo que sou, vocês são a minha base, meus exemplos. Sou muito grata por me incentivarem a estudar, por me mostrarem os melhores caminhos, por serem sempre solícitos, por me encorajarem a lutar, por acreditarem em mim, desde as primeiras letras.

Agradeço ao meu esposo, Leandro, por estar ao meu lado nas horas em que chorei e nas horas em que sorri, por estar sempre disposto a me dar uma palavra de motivação e conforto, por me compreender nos momentos em que mais precisei e por demonstrar seu amor nessas e em outras inúmeras atitudes, que a um olhar superficial parecem simples, mas que fizeram toda a diferença ao longo da caminhada. Obrigada por sonhar junto comigo!

Também sou muito grata à minha orientadora, Profa. Marília Ferreira, por acreditar em mim desde o começo, pelas observações feitas em relação ao presente trabalho, e, principalmente, por me apresentar ao mundo das línguas indígenas, em especial, o Parkatêjê!

Agradeço muito aos Parkatêjê, por permitirem a nossa entrada na aldeia e nos receber sempre de coração aberto. Aos meus consultores de pesquisa, Piare e Manoel, com os quais tive o prazer de conviver durante a pesquisa de campo. Obrigada por compartilharem comigo seu conhecimento sobre a língua Parkatêjê, pela paciência ao longo da coleta de dados, e por me ensinarem muito mais do que eu imaginava aprender. Ao Sõpre, pela acolhida fraternal que recebemos em sua casa, quando estivemos na aldeia Mãe Maria, durante a viagem de campo.

Agradeço também aos meus colegas de curso do mestrado, em especial à Fabíola, Nandra e Bruna, pelas conversas, pelas trocas de conhecimento, pelos trabalhos realizados em conjunto e pelos momentos vividos.

Agradeço aos amigos do grupo de pesquisa em línguas indígenas da Ufpa, em especial à Cinthia, pessoa carismática e batalhadora, por estar sempre disposta a ajudar, por me ceder dados da língua Parkatêjê e por compartilhar seu conhecimento linguístico.

Agradeço ao Prof. Sidney Facundes e à Profa. Ângela Chagas, pelas leituras, comentários e sugestões a este trabalho durante a qualificação.

Agradeço ao meu amigo Pablo, por me ajudar com as revisões em Inglês.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro concedido por meio de bolsa de estudos de mestrado.

Por fim, agradeço a todos que, de inúmeras maneiras, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo. Muito obrigada!

“A Língua hoje, para mim, é um documento. Eu não falava. Tinha vergonha. Meu velho pai falava. Hoje eu já falo. Sei muitas coisas e sei ensinar para quem quiser dessas meninas”.

(Mário Cordeiro, professor Poyanawa, AC)

RESUMO

Esta dissertação aprofunda o estudo sobre a classe dos descritivos em Parkatêjê e tem como objetivo principal o refinamento das evidências que confirmam o status verbal destes itens lexicais. O Parkatêjê é uma língua Timbira pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê; os falantes vivem em aldeias localizadas no município de Bom Jesus do Tocantins, às proximidades de Marabá, no Sudeste do Estado do Pará. Em Parkatêjê, os descritivos apresentam propriedades morfossintáticas semelhantes a nomes e a verbos e, semanticamente, expressam noções normalmente manifestas por adjetivos, em línguas que apresentam essa classe de palavras. Em virtude disso, partindo de uma perspectiva tipológico-funcional, apresenta-se inicialmente uma discussão, embasada em estudos como os de Givón (1984), Dixon (1982), Bhat (1994), Thompson (1988) e Schachter (1985), acerca dos nomes, adjetivos e verbos, considerando as mais diversas línguas naturais. Em seguida, aborda-se as principais características destas classes de palavras na língua Parkatêjê, com base em Araújo (1989) e Ferreira (2003). Além disso, expõe-se as hipóteses de classificação possíveis com relação aos descritivos, para, então, apresentar a proposta de análise da presente dissertação. Esta considera, principalmente, os aspectos morfossintáticos inerentes aos descritivos, tais como o conjunto de partículas de tempo, aspecto e modo com que podem ocorrer. Assim, o presente estudo mostra evidências quanto ao fato dos itens lexicais descritivos serem considerados verbos intransitivos.

Palavras-chave: descritivos; morfossintaxe; Parkatêjê.

ABSTRACT

This dissertation deepens the study about the class of descriptives in Parkatêjê and has as principal objective the refinement of the evidences than confirming the verbal status these lexical items. The Parkatêjê is a Timbira language belonging to the Macro-Jê linguistic stock; the speakers living in villages located at Bom Jesus do Tocantins, next to Marabá, in Pará State Southeast. In Parkatêjê, the descriptives present morphosyntactic properties similar to names and verbs and, semantically, express notions usually manifest by adjectives, in languages that present that class of words. As a result, from a functional-typological perspective, initially presents a discussion, based on studies such as Givón (1984), Dixon (1982), Bhat (1994), Thompson (1988) and Schachter (1985), about the names, adjectives and verbs, considering the various natural languages. Then, approaches the main features of these word classes in Parkatêjê language, based in Araújo (1989) and Ferreira (2003). In addition, expose the hypothesis of possible classification for the descriptives, for, then, to present the proposal of analysis this dissertation. This considers, principally, the morphosyntactic aspects inherents in descriptives, such as the time particles group, aspect and mode that may occur. In this way, the present study show evidences as to the fact of the descriptives lexicals items are considered intransitives verbs.

Keywords: descriptive; morphosyntax, Parkatêjê.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Família Jê.....	24
Quadro 2: Grupos de idade x Usos das línguas Família Jê	27
Quadro 3: Inventário fonológico das vogais Parkatêjê segundo Araújo (1977)	29
Quadro 4: Inventário fonológico das vogais orais Parkatêjê segundo Neves (2010).....	30
Quadro 5: Inventário fonológico das consoantes Parkatêjê segundo Araújo (1977)	30
Quadro 6: Marcação de gênero e número em Hebreu	44
Quadro 7: Tipos semânticos em Igbo	47
Quadro 8: Parâmetros para categorias sintáticas	54
Quadro 9: Propriedades morfossintáticas mais comuns em nomes, verbos e adjetivos.....	54
Quadro 10: Prefixos relacionais com os nomes	60
Quadro 11: Cisão condicionada por TA(M)	67
Quadro 12: Verbos transitivos e intransitivos em Parkatêjê	69
Quadro 13: Elementos pronominais em suas funções sintáticas.....	70
Quadro 14: Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê.....	71
Quadro 15: Tipos semânticos em Parkatêjê	73
Quadro 16: Prefixos relacionais com os verbos.....	82
Quadro 17: Tipos de verbos S _{io} existentes em Parkatêjê	86
Quadro 18: Pronomes livres e dependentes	87
Quadro 19: Advérbios temporais	99
Quadro 20: Combinação das partículas de tempo e aspecto	101
Quadro 21: Características semânticas e morfossintáticas dos descritivos em Parkatêjê	116

ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
1Enf	Primeira pessoa enfática
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
Agt	Nominalizador agentivo
Aten	Atenuativo
Aum	Aumentativo
Caus	Causativo
Com	Comitativo
Comp	Comparação
Cont	Continuativo
Dat	Dativo
Dem	Demonstrativo
Dim	Diminutivo
Dir	Direcional
DS	Sujeitos diferentes
Dub	Dubitativo
Du	Dual
Enf	Ênfase
Erg	Ergativo
Exort	Exortativo
FE	Forma estendida
FNE	Forma não-estendida
Fut	Futuro
Incompl	Incompletivo
Ind	Indefinido
Int	Interrogativo
Intens	Intensificador
IRR	Irrealis
<i>lit.</i>	Literalmente

Loc	Locativo
Neg	Negação
Nom	Nominalizador
NPr	NPr
Onc	Objeto não-contíguo
PAS	Passado
PD	Partícula discursiva
Pl	Plural
Pos	Posse
Posp	Posposição
PR	Passado remoto
Quant	Quantificador
Rec	Recíproco
Refl	Reflexivo
Rel	Relacional
Rog	Rogativo
S _a	Sujeito de verbo ativo
S _o	Sujeito de verbo descritivo
S _{io}	Sujeito de marcação não-canônica
SS	Sujeitos idênticos
Valid	Validacional

SÍMBOLOS

- Ortografia da língua Parkatêjê

i /i/

ê /e/

e /ɛ/

y /ï/

ỳ /ə/

à /ɜ/

a /a/

u /u/

ô /o/

o /ɔ/

p /p/

t /t/

x /tʃ/

k /k/

h /ʔ/

h /h/

m /m/

n /n/

w /w/

j /y/

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA PARKATÊJÊ	19
1.2 OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo geral	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 METODOLOGIA	20
1.3.1 Consultores	20
1.3.2 Corpus utilizado	21
1.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	21
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2 OS PARKATÊJÊ: POVO, CULTURA E LÍNGUA	23
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS JÊ	24
2.2 O POVO PARKATÊJÊ	25
2.2.1 Contatos com os <i>kupê</i>	26
2.2.2 Aspectos demográficos e socioculturais	26
2.3 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	27
2.4 A LÍNGUA PARKATÊJÊ	28
3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	32
3.1 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA	33
3.1.1 Correntes funcionalistas vs. Correntes formalistas	33
3.1.2 Funcionalismo-tipológico	35
3.2 CATEGORIAS LEXICAIS	35
3.2.1 Verbos	37
<i>3.2.1.1 Descritivos</i>	41
3.2.2 Nomes	41
3.2.3 Adjetivos vs. nomes e verbos	45
3.3 LÍNGUAS INDÍGENAS E AS CLASSES DE PALAVRAS	55
3.3.1 Verbos descritivos em línguas Jê	56
4 CLASSES DE PALAVRAS EM PARKATÊJÊ	59
4.1 ASPECTOS DOS NOMES EM PARKATÊJÊ	59
4.1.1 Características gerais	59
<i>4.1.1.1 Posse</i>	62

4.1.1.2 <i>Número</i>	63
4.1.1.3 <i>Algumas funções sintáticas</i>	64
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS VERBOS EM PARKATÊJÊ	65
4.2.1 Características gerais	65
4.2.1.1 <i>Marcação de caso</i>	66
4.2.1.2 <i>Formas longas e curtas</i>	68
4.2.1.3 <i>Transitividade verbal</i>	69
4.3 HIPÓTESES PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DESCRITIVOS EM PARKATÊJÊ	72
5 CONSTRUÇÕES DESCRITIVAS EM PARKATÊJÊ: ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS	78
5.1 DESCRITIVOS	78
5.1.1 Semelhanças com nomes e verbos	79
5.1.1.1 <i>Intensidade</i>	80
5.1.1.2 <i>Descritivos e os prefixos relacionais</i>	81
5.1.2 Descritivos S₀ e S_{io}	84
5.1.3 Descritivos e o sistema pronominal	86
5.1.4 Aspectos morfossintáticos	89
5.1.4.1 <i>Tempo</i>	89
5.1.4.2 <i>Aspecto</i>	100
5.1.4.3 <i>Modo</i>	105
5.1.4.4 <i>Construções comparativas</i>	109
5.1.4.5 <i>Verbo 'to' e os descritivos</i>	111
5.1.5 Algumas questões	114
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

As línguas indígenas são um patrimônio imaterial do nosso país. A nossa região Amazônica é, sem dúvida, privilegiada por concentrar mais de dois terços dessas línguas (cf. Moore, 2008), são diversos povos espalhados ao longo de seu território. Assim, quando nos tornamos cientes dessa imensa diversidade linguística não há como ignorá-la.

O desejo de estudar uma língua indígena teve início ainda na graduação, quando tive a oportunidade de conhecer o universo dos estudos linguísticos. Nessa fase de minha vida acadêmica, iniciei pesquisa voltada para o povo Parkatêjê, a convite da professora Marília Ferreira.

Os meus estudos com a língua tiveram início a partir de um projeto de extensão (PROEX-UFPA), que tinha como objetivo a alfabetização de indígenas em sua língua materna, principalmente aqueles fora da faixa etária escolar, pertencentes à comunidade Parkatêjê. Para aplicar as oficinas de alfabetização realizei duas viagens de campo, juntamente com a profa. Marília Ferreira e mais três alunos seus. Na ocasião, estas viagens foram uma oportunidade tamanha, a qual abracei com bastante entusiasmo. Na aldeia pude conhecer um pouco mais desse povo e desde o primeiro contato me apaixonei por sua língua, história e cultura, bem como por seu enorme desejo em manter vivos esses e outros aspectos de sua tradição indígena.

Posteriormente, ao ingressar no PET Letras da UFPA, realizei pesquisa sobre o sintagma nominal em Parkatêjê e, em seguida, sobre os descritivos. Sobre este último defendi o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “Adjetivo ou descritivo em parkatêjê? Um estudo morfossintático preliminar”.

Os dois primeiros trabalhos sobre a morfossintaxe da língua Parkatêjê tratam da classe de descritivos de maneira distinta. O primeiro, realizado por Araújo (1989), propõe que existem seis classes de palavras em Parkatêjê: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome e relatores. Porém, esse trabalho de 1989 não delimita bem os aspectos morfossintáticos e semânticos do adjetivo e trata superficialmente os verbos,

os quais são subclassificados em ativos e estativos, apresentando exemplos similares para adjetivos e para verbos estativos.

O segundo trabalho, realizado por Ferreira (2003), postula nove classes de palavras para o Parkatêjê, distribuídas em classes abertas (nomes, verbos, advérbios) e classes fechadas (pronomes, descritivos, posposições, partículas, conjunções e interjeições). Portanto, não se considera a existência de adjetivos. Para a autora, os itens lexicais que Araújo considerou como adjetivos são, na verdade, verbos descritivos ou estativos, pois não compartilham características morfossintáticas com os adjetivos, mas com os verbos intransitivos, dentre as quais se destacam: os descritivos ocorrem com partículas de aspecto; recebem a mesma forma de negação que os verbos ativos e apresentam semelhanças entre algumas formas imperativas dos verbos ativos.

Portanto, os chamados descritivos apresentam propriedades morfossintáticas semelhantes a nomes e a verbos e, semanticamente, expressam o que seriam noções adjetivais em línguas românicas. Todavia, a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado por mim, em 2013, vislumbrei a possibilidade, então, de esses elementos pertencerem à classe de nomes ou a uma terceira classe de palavras: a dos adjetivos.

Apesar de ter desenvolvido o TCC sobre esse tema, na época não tive como realizar a viagem de campo para coletar dados. Desse modo, a pesquisa foi de cunho bibliográfico, ficando, assim, diversas lacunas e questionamentos a serem sanados em futuros trabalhos. Uma delas seria se os descritivos, de fato, comporiam uma subclasse de verbos ou se seriam adjetivos. Os dados analisados, apenas aqueles presentes nas teses de Araújo (1989) e Ferreira (2003), não eram suficientes para afirmar algo com precisão. Apesar disso, considerei estes itens como verbos, mantendo a análise proposta por Ferreira (2003).

Tendo em vista estas e outras inquietações, decidi dar continuidade aos estudos sobre os descritivos, a fim de aprofundá-los. A partir da coleta de novos dados, em viagem de campo por mim empreendida em abril de 2015, juntamente com a professora Marília Ferreira e uma de suas alunas¹, pude realizar a análise que consta nesta dissertação, por meio da qual descrevo os verbos descritivos do ponto de vista semântico e morfossintático.

¹ Refiro-me à Nandra Ribeiro, aluna do Mestrado em Letras (UFPA).

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA PARKATÊJÊ

Os Parkatêjê residem em aldeias localizadas no município de Bom Jesus do Tocantins, às proximidades de Marabá, no Sudeste do Estado do Pará. A aldeia mais antiga, denominada *Kupějipôkti*, se encontra no Km 30 e a mais nova, *Rôhôtatêjê*, no Km 35 da rodovia BR 222. A comunidade Parkatêjê é formada, segundo dados do posto de saúde da comunidade, por cerca de 478 pessoas (JÕPAIPAIRE, 2011).

A língua é ainda falada por aproximadamente 10% dessa população, em geral, os índios mais antigos da comunidade, os quais fazem parte da primeira geração². Isso ocorre, em virtude de diversos fatores, como o intenso contato com o mundo kupê (designação para ‘não-índio’) e a imposição do português, o que ocasionou o desinteresse dos mais jovens em aprender a língua indígena. Tais fatores se constituíram gradativamente e podem ser melhor entendidos se observarmos o contexto histórico em que povos indígenas como este estiveram submetidos por cerca de 500 anos (para mais detalhes ver capítulo 2).

Desse modo, os Parkatêjê são um povo guerreiro, que lutaram e lutam até os dias atuais para manter viva a sua língua e a sua cultura.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Este trabalho tem por objetivo analisar morfossintática e semanticamente os itens lexicais que expressam noções adjetivais em Parkatêjê, considerados por Ferreira (2003) e Maciel (2013) como pertencentes a uma subclasse de verbos, chamada descritivos.

1.2.2 Objetivos específicos

- Propor uma discussão teórica sobre a classe de adjetivo, nome e verbo descritivo partindo do ponto de vista semântico e morfossintático, para verificar como estas classes são entendidas em outras línguas do mundo e comparar com o que ocorre em Parkatêjê.

² A primeira geração é composta por aqueles que possuem mais de cinquenta anos de idade e tem o Parkatêjê como língua materna (Cf. Ferreira, 2005).

- Identificar a que classe de palavras estes itens lexicais pertencem em Parkatêjê. Se são uma subclasse dos nomes, dos verbos ou se formam uma terceira classe autônoma de adjetivos.
- Examinar ocorrências diversas da língua Parkatêjê nas quais haja a presença de descritivo e partículas de aspecto.
- Verificar se os descritivos, em Parkatêjê, ocorrem com partículas de tempo e modo, tal como os verbos ativos.
- Investigar mais detalhadamente outros aspectos morfossintáticos que estão presentes nas construções descritivas, tais como a ocorrência com prefixos relacionais, com pronomes, entre outras.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é aquela empregada em trabalhos de descrição linguística: (i) levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto; (ii) leitura e análise crítica das referências bibliográficas levantadas, tais como Givón (1984), Lyons (1979), Dixon (1982), Bhat (1994), Thompson (1988) e Schachter (1985) entre outros; (iii) pesquisa de campo realizada a partir do método indutivo³, que visa a coleta de dados por meio da observação dos falantes no seu ambiente natural, da aplicação de questionários e transcrição de textos; (iv) transcrição dos dados; (v) análise do *corpus*: organização e comparação com outras línguas Jê; (vi) discussão dos resultados encontrados, levando em consideração a perspectiva teórica funcional-tipológica.

1.3.1 Consultores

Ao longo da pesquisa, trabalhamos com dois consultores homens, bilíngues, falantes fluentes em Português e Parkatêjê, os quais serão citados como M e P. Além disso, também obtivemos dados da língua, coletados por Neves (set/2014) e por Ferreira (em diferentes momentos), com um terceiro consultor (K).

O colaborador M é um dos falantes que compõe a primeira geração, composta pelos mais antigos, reside na aldeia *Kupêjipôkti* (reserva indígena Mãe Maria). Deve ter

³ O método indutivo “considera que o conhecimento é fundamentado na experiência, não levando em conta princípios preestabelecidos. No raciocínio indutivo a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações” (MORESI, 2003, p. 25).

mais de sessenta anos de idade. O colaborador P é professor na escola Indígena *Pěmptykre Parkatêjê*, reside na aldeia *Kupějipôkti* (reserva indígena Mãe Maria). Deve ter aproximadamente sessenta e cinco anos de idade. O colaborador K é o cacique da aldeia, líder político da comunidade, reside na aldeia *Rôhôtêjê* (reserva indígena Mãe Maria), deve ter cerca de oitenta e poucos anos de idade.

1.3.2 *Corpus* utilizado

Os dados utilizados para a composição desta dissertação são, principalmente, provenientes de entrevistas com falantes nativos Parkatêjê, em uma viagem a campo realizada por mim em abril de 2015. A coleta de dados acontecia, em geral, no acampamento da aldeia Mãe Maria e na Escola Indígena *Pěmptykre Parkatêjê*. Na ocasião foram gravadas e transcritas cerca de trezentas e doze sentenças isoladas e dois textos curtos contendo os verbos descritivos. O *corpus* foi registrado com o auxílio de um gravador digital (Zoom H4n) e dois microfones de cabeça (Shure wh20), no formato de áudio WAV, com duração total de 07h:04min.

Além desses, foram utilizadas oitenta sentenças coletadas por Cinthia Neves em setembro de 2014 e algumas narrativas orais sobre a guerra, o luto e a história de vida do chefe da aldeia Parkatêjê, *Tomprãmre Krôhôtêjê*, coletadas pela Profa. Marília Ferreira e Cinthia Neves em diferentes momentos entre 2009 e 2012.

Os dados foram transcritos no programa *Transcriber*, seguindo a ortografia da língua Parkatêjê, proposta por Araújo (1977).

1.4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados transcritos estão apresentados em quatro linhas no corpo do presente trabalho. Na primeira linha consta uma transcrição ortográfica da língua Parkatêjê. A segunda apresenta uma transcrição morfofonológica, em que as palavras são separadas por espaços e os morfemas por hífen (-). Na terceira linha têm-se as glosas, as quais seguem, em grande parte, a convenção estabelecida em outros trabalhos descritivos sobre as línguas Macro-Jê, como o de Ferreira (2003). Nos exemplos em que faltam os correspondentes na linha de glosa optou-se por repetir o respectivo item na língua indígena. E na quarta linha há a tradução livre - e literal, quando necessária - em português.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação é composta de quatro partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira parte trata do povo Parkatêjê, considerando informações como localização, cultura, situação sociolinguística, bem como aspectos gerais sobre a língua. A segunda parte apresenta a fundamentação teórica do trabalho e está subdividida em três tópicos: primeiramente, realizo uma breve contextualização da perspectiva teórica funcionalista, adotada nesse estudo; em seguida discuto sobre a categoria verbal em oposição a nomes e adjetivos, considerando os estudos de Givón (1984), Lyons (1979), Dixon (1982), Bhat (1994), Thompson (1988) e Schachter (1985); e, por fim, traço algumas considerações sobre os descritivos em línguas Jê. A terceira parte apresenta uma revisão dos estudos anteriormente realizados acerca das classes de palavras em Parkatêjê, em especial nomes, verbos e adjetivos. Os principais trabalhos que embasam este capítulo são os de Araújo (1989) e Ferreira (2003). A quarta parte contém a análise dos dados, concernente à classe de verbos descritivos, ressaltando os aspectos morfossintáticos presentes nesta categoria, tais como tempo, aspecto, modo, marcação de caso etc., bem como a relação com nomes e pronomes.

OS PARKATÊJÊ: POVO, CULTURA E LÍNGUA

O Brasil está situado em um contexto único de diversidade linguística e cultural. Estão alocadas em território nacional línguas de dois grandes troncos linguísticos, (Macro-Jê e Tupi), quatro famílias linguísticas de grande porte (Aruák, Karíb, Páno e Tukáno), seis famílias de médio porte (Arawá, Katukína, Makú, Nambikwára, Txapakúra e Yanomámi), três famílias menores (Bóra, Guaikurú e Múra), sete línguas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynký, Trumai e Tikúna), e mais dois grupos indígenas, o Galibí-Marwórno e o Karipúna do Norte, que falam línguas crioulas, conforme Moore (2008), totalizando cerca de cento e cinquenta línguas autóctones.

Este número, recenseado por pesquisas recentes (MOORE, 2008), sequer se aproxima da realidade linguística encontrada pelos colonizadores, quando da sua chegada. De acordo com Rodrigues (1993), cerca de 1000 línguas desapareceram durante os 500 anos de contato intenso com o homem branco, seja por epidemias que dizimaram comunidades inteiras, seja pelo processo de imposição de outra língua/cultura, ou mesmo por ações criminosas cometidas a povos indígenas.

Apesar disso, muitos povos indígenas conseguiram sobreviver, principalmente em áreas remotas, como a Amazônia, onde o contato com os não-índios foi mais recente e menos intenso. Essa região concentra mais de dois terços das línguas indígenas faladas no país. Somente no estado do Pará há cerca de vinte e cinco idiomas nativos, de forma que não há como ignorar a grande diversidade linguística e cultural presente na região Amazônica.

A língua Parkatêjê encontra-se entre as vinte e cinco línguas mencionadas e é a língua sobre a qual a presente dissertação versa. Desse modo, tendo em vista a importância de se conhecer as características gerais do povo Parkatêjê, este capítulo trata de questões como localização, cultura, situação sociolinguística, bem como aspectos gerais da língua Parkatêjê.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS JÊ

Segundo Rodrigues (1999), as línguas Macro-Jê são geograficamente classificadas em oriental (famílias Purí, Krenák, Maxakalí, Kamakã, Karirí e Yatê), central (famílias Karajá e Jê) e ocidental (famílias Ofayé, Boróro, Rikbaktsá e Guató), estendendo-se diagonalmente até o rio Paraguai.

As línguas da família Jê foram mais bem preservadas, conforme o referido autor, devido seus falantes localizarem-se no interior do território brasileiro. Essa família linguística é composta por treze línguas, dentre as quais as línguas Jaikó e Ingaín já se encontram extintas.

Moore (2008) apresenta um quadro para o tronco Macro-Jê que considera questões como número de falantes, transmissão da língua para as gerações posteriores, etc. Expõe-se abaixo apenas as informações referentes às línguas da família Jê:

Línguas	Dialetos, grupos	Nº de falantes	População	Transmissão	Estudos
Akwén	Xacriabá	0?	7665	sem	
	Xavante	maioria	9602	alta	2
	Xerénte	maioria	1814	alta	2
Apinajé		todos	1262	alta	2
Kaingáng	Kaingáng do Paraná	6000	[30000] total		3 total
	Kaingáng de Santa Catarina	1500			
	Kaingáng do Rio Grande do Sul	11500			
Kayapó (Mebengokre)	Gorotire	todos	7096 total	alta	2 total
	Kararaô				
	kokraimoro				
	Kubenkrankegn				
	Menkrangnoti				
	Mentuktíre (Txukahamãe)				
	Xikrin				
Panará (Krenakore, Krenakarore)		todos	202	Alta	2
Suyá (Kisêdje)	Suyá	Todos	334	Alta	2
	Tapayúna (Beço-de-pau)	Todos	58	alta	
Timbira	Canela Apaniekra	Todos	458	Alta	2
	Canela Ramkokamekra	Todos	1337	Alta	
	Gavião do Pará (Parkatêjê, Kyikatêjê, Akrâtikatêjê)	Todos	[478]	alta	2
	Gavião do Maranhão (Pukobiyé)	Todos	473	alta	2
	Krahô	Todos	1900	alta	1
	Krikatí (Krinkatí)	Todos	682	Alta	
Xoklêng		<100?	757	Baixa	1

Quadro 1: Família Jê

Como pode-se perceber, a partir do quadro acima, a língua Parkatêjê está entre aquelas que são consideradas Timbira. É necessário, no entanto, uma última observação: apesar de no quadro 1 todos os indivíduos Parkatêjê serem considerados falantes da língua, outros estudos apontam que apenas uma parcela de aproximadamente 10% da população é falante (Cf. FERREIRA, 2003), os demais são bilíngues em diversos níveis ou monolíngues em Língua Portuguesa⁴.

Dentre as principais características tipológicas partilhadas por línguas da família Jê estão aquelas de cunho: a) fonético-fonológico: em que as vogais centrais são numerosas; b) morfológico: a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; c) sintático: a ordem constituinte SOV (S= sujeito; O= objeto, V= verbo) em orações declarativas.

2.2 O POVO PARKATÊJÊ

A comunidade Parkatêjê vive em aldeias localizadas no município de Bom Jesus do Tocantins, às proximidades de Marabá, no Sudeste do Estado do Pará, conforme se observa na figura abaixo:

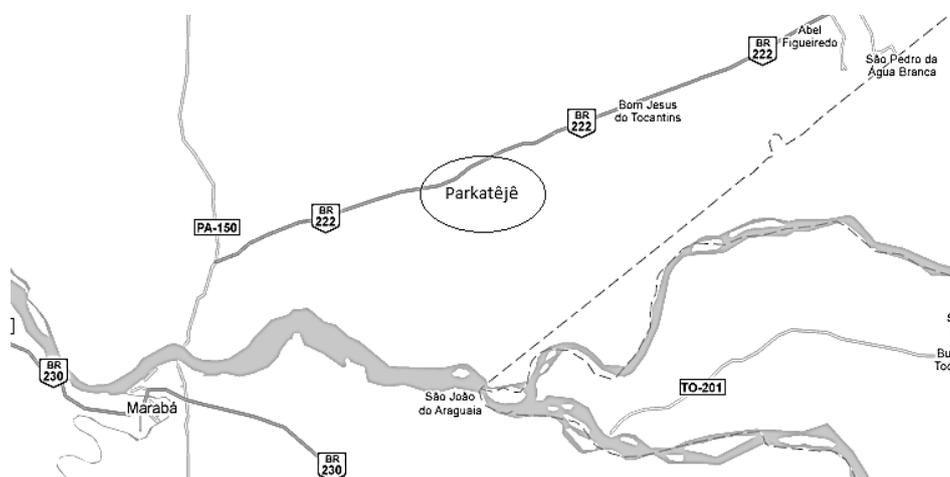


Figura 1: Localização do povo Parkatêjê

A aldeia mais antiga, denominada *Kupêjipôkti*, se encontra no Km 30 e a mais nova, *Rôhokatêjê*, no Km 35 da rodovia BR 222, ambas na Reserva Indígena Mãe Maria.

⁴ Para mais detalhes ver seção 2.3.

2.2.1 Contatos com os *kupẽ*

Algumas situações e projetos ocasionaram os primeiros contatos entre o povo Parkatêjê e a sociedade envolvente, chamada por eles de *kupẽ*, que significa na língua tradicional ‘não-índios’. Entre elas estão a construção das Rodovias PA 70 (BR 222) e PA 150, a construção da linha de transmissão entre Marabá/PA e Imperatriz/MA pela Eletronorte e a instalação das torres de transmissão de Tucuruí, estas duas últimas atravessam o território pertencente aos Parkatêjê e ocorreram entre os anos 60 e 80.

Na verdade, o grande interesse dos *kupẽ* sempre foi se aproximar do índio Parkatêjê para civilizá-lo, bem como tomar posse de suas terras, as quais constituem uma grande reserva de castanhais, por isso, o contato entre os dois foi marcado por grandes conflitos (FERRAZ, 1984). De acordo com Araújo (1989, p. 10,11),

Para o gavião, amansar o *kupẽ* significa torná-lo convivível; para o *kupẽ*, civilizar significa fazer trocar os velhos hábitos pelos seus. O que implica da parte dos gavião a possibilidade de convívio com a diferença, característica das sociedades Jê, chamadas por isso mesmo, por Turner (1979), “sociedades dialéticas”. Da parte do branco, ressalta o desejo de unificação, reveladora da impossibilidade de conviver com seu oposto, que deve ser esmagado, na conquista da hegemonia.

Assim, percebe-se o quanto os Parkatêjê, assim como outros povos indígenas, sofreram diante do etnocentrismo. Mas, ao invés de ser dizimado, esse povo criou estratégias para manter sua cultura e língua vivas.

2.2.2 Aspectos demográficos e socioculturais

Os Parkatêjê possuem uma população de aproximadamente 478 pessoas, conforme os dados do posto de saúde da comunidade (JÕPAIPAIRE, 2011). A aldeia Mãe Maria, à semelhança de outros povos Jê, está disposta em formato circular e tem dois espaços bastante importantes. O primeiro é o “acampamento”, local onde se encontra a *aikrepoti* e onde ocorrem os jogos de flecha, a corrida de tora, e as festas tradicionais, tais como: *põhytetet*, festa do milho verde, *tep* peixe, entre outras. O segundo é a Escola Indígena *Pẽmptykre Parkatêjê*, que se constitui em um importante espaço de aprendizagem.

O nome da comunidade que significa “turma de baixo” está relacionado à “antiga denominação do grupo do trinta, constituído por alguns remanescentes de três grupos em que ficou dividida uma grande aldeia” (ARAÚJO, 1989, p. 17). Conforme a autora, esse povo também é conhecido como Gavião, por conta do uso de penas de gavião em suas flechas e *krãxê*⁵. Sobre isso, o chefe da comunidade, *Krôhókrenhũm*, afirma: “o nosso antigo nome nos foi dado porque nosso povo antigo matava mesmo, não tinha conversa. [...] Era por isso que *kupẽ* nos chamava Gavião, porque nós éramos danados” (JÕPAIPARE, 2011, p. 133).

2.3 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Entre os indígenas que compõem o povo Parkatêjê apenas 10% falam a língua fluentemente. Ferreira (2005, p. 2) afirma que “uma combinação de fatores não-linguísticos e linguísticos cria uma situação de obsolescência de língua no caso do parkatêjê”, isto ocorre em decorrência de alguns aspectos, entre eles: o número reduzido de falantes e a política do governo brasileiro.

Devido ao intenso contato com o Português, o uso da língua indígena tem sido reduzido, de modo que, as crianças da comunidade já não aprendem o Parkatêjê como primeira língua. Têm-se, então, diferentes situações de bilinguismo na comunidade Parkatêjê, conforme o seguinte quadro mostra (FERREIRA, 2005):

Gerações	Idade	Uso da língua
1 ^a	50-70	+ Park. – Port.
2 ^a	30-49	+ Park. + Port.
3 ^a	0-29	- Park. + Port.

Quadro 2: Grupos de idade x Usos das línguas

⁵ Denominação para ‘Enfeite de cabeça’.

Segundo Ferreira (2005, p. 3), o quadro acima “aponta para o *continuum* de proficiência desses falantes, de acordo com sua idade”, isto é, têm-se aproximadamente três gerações que diferem quanto ao grau de bilinguismo.

A primeira geração, composta pelos mais antigos, é aquela a qual pertence a parcela de 10% de falantes Parkatêjê, citada anteriormente. A segunda geração reúne aqueles que, apesar de não falar fluentemente a língua indígena a entendem, e falam com maior domínio a língua portuguesa, estes talvez possam ser considerados bilíngues receptivos:

Alguns membros de famílias da segunda geração desenvolveram alguma proficiência em entender parkatêjê, embora não falem a língua com fluência. Não é possível, todavia, afirmar que eles nunca tenham adquirido a referida língua. O mais adequado seria, talvez, postular que eles a adquiriram e mantiveram um bilinguismo receptivo por não a terem usado por muitos anos e por terem entrado em contato intenso com o português. (FERREIRA, 2005, p. 4, 5).

Da terceira geração fazem parte aqueles que têm o português como língua materna (L1). Desse modo, compreendem e falam somente esta. Como, em geral, as crianças não aprendem mais o Parkatêjê como primeira língua, conforme dito anteriormente, esta se encontra entre as línguas indígenas que estão em perigo de desaparecimento no Brasil, uma vez que não há continuidade de falantes aprendendo e utilizando-a como língua materna.

Assim, há uma situação de constante interação entre o Parkatêjê e o Português. Apesar disso, na aldeia há um desejo que parte da primeira geração de realizar ações que ajudem na revitalização da língua, tais como, aulas de canto Parkatêjê, realização das festas e brincadeiras tradicionais, escrita do livro “*Mě ikwỳ tekjê ri: Isto pertence ao meu povo*”, que contam as memórias do chefe *Krôhòkrenhum* e foi elaborado também com a ajuda dos indígenas mais jovens, estas, dentre outras ações, visam a valorização e preservação da identidade Parkatêjê de uma forma geral.

2.4 A LÍNGUA PARKATÊJÊ

O Parkatêjê é uma língua indígena que compõe o tronco Macro-Jê, e mais especificamente, a família Jê. Conforme Rodrigues (1999), ela faz parte do complexo

dialetal Timbira, assim como as línguas Canela Ramkokamekrá, Canela Apanyekrá, Gavião Pykobjê, Krinkatí, Krahô e Krenjé.

Os principais trabalhos que descrevem a fonologia e a morfossintaxe da língua Parkatêjê são os de Araújo (1977; 1989) e o de Ferreira (2003). O primeiro trabalho de Araújo (1977), intitulado “*Semântica gerativa da língua gavião-jê*”, corresponde à sua dissertação de mestrado, na qual ela apresenta uma descrição de frases declarativas afirmativas, bem como estabelece o sistema ortográfico da língua.

Em seu segundo trabalho, intitulado “*Aspectos da língua gavião-jê*”, que diz respeito à sua tese de doutorado, Araújo (1989) amplia o seu estudo sobre a língua, a partir da perspectiva tipológica. Em sua tese constam aspectos da sintaxe e da morfologia da língua Parkatêjê, tais como: ordem básica dos constituintes, construção genitiva, divisão binária de nomes e verbos, classes de palavras, estrutura do vocábulo, alguns processos de composição e derivação, entre outros.

O trabalho de Ferreira (2003), intitulado “*Estudo morfossintático da língua parkatêjê*”, por sua vez, trata de questões morfológicas e sintáticas sobre a língua, a partir de uma abordagem tipológico-funcional. Em sua tese, a referida autora trata, por exemplo, das classes de palavras - apresentando informações inéditas e análise diferente daquela realizada por Araújo (1989) -, do sistema de marcação de caso nas orações independentes, da derivação verbal, da incorporação nominal, da serialização verbal, entre outros aspectos.

Desse modo, no que se refere ao sistema fonológico da língua Parkatêjê, proposto por Araújo (1977), tem-se um conjunto de dezesseis vogais, sendo dez orais e 6 nasais. É importante destacar que os fonemas orais abertos não têm correspondentes nasais e que as semi-vogais foram interpretadas como consoantes na língua, devido à variação combinatória observada. Dessa forma, a referida autora apresenta o seguinte quadro:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
Altas fechadas	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Médias fechadas	e	ẽ	ə	ə̃	o	õ
Médias abertas	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixas abertas			a			

Quadro 3: Inventário fonológico das vogais Parkatêjê segundo Araújo (1977)

Neves (2010), no entanto, ao realizar análise acústica das vogais orais da língua, chega à conclusão de que a vogal central média fechada /ə/ descrita por Araújo (1977) como fonema da língua se trata de uma realização de outras vogais que se encontram na mesma região, nesse caso, a central, tais como /ɜ/ e /i/. Assim, Neves (2010) considera que a língua Parkatêjê tem nove qualidades vocálicas, como se observa no quadro abaixo:

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas fechadas	i	ɨ	u
Médias fechadas	e		o
Médias abertas	ɛ	ɜ	ɔ
Baixas abertas		a	

Quadro 4: Inventário fonológico das vogais orais Parkatêjê segundo Neves (2010)

Além disso, há onze consoantes na língua Parkatêjê - como mostra o quadro 5 - “das quais a glotal oclusiva é de frequência esporádica, embora ocorra fonêmicamente” (ARAÚJO, 1989, p. 20). Como se vê, há predominância do número de vogais sobre as consoantes, o que também ocorre em outras línguas da família Jê. Outro aspecto observado diz respeito à sonoridade, segundo a referida autora não ocorre oposição de sonoridade no sistema consonantal, assim, dentre as consoantes surdas estão a consoante aspirada e aquelas que compõem a série de oclusivas, e dentre as consoantes sonoras estão as demais.

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasal	m	n			
Líquida		r			
Semiconsoante	w		y		h

Quadro 5: Inventário fonológico das consoantes Parkatêjê segundo Araújo (1977)

As classes de palavras na língua são nove e, conforme Ferreira (2003), estão distribuídas em classes abertas - nomes, verbos, advérbios - e classes fechadas -

pronomes, descritivos, posposições, partículas, conjunções e interjeições. Além disso, o Parkatêjê é uma língua posposicional, de modo que a língua apresenta uma ordem básica dos constituintes, em orações independentes, do tipo Sujeito-Objeto-Verbo. Segundo a autora é possível encontrar na língua orações de três tipos, as quais são descritas, sucintamente, abaixo:

(i) orações com predicado verbal: estas orações têm como principal característica o fato de que verbos compõem o núcleo do predicado, assim, podem ser intransitivas, intransitivas estendidas, transitivas e transitivas estendidas.

(ii) orações com predicado não-verbal: o núcleo destas orações é composto por um tipo de sintagma que pode ser nominal ou posposicional. Nestas não há presença de cópula, nem de marcas de tempo e aspecto, seus elementos constituintes são apenas justapostos. Elas podem ser orações do tipo: identificacional, equativa, possessiva (ou existencial) e locativa.

(iii) orações complexas: estas orações envolvem dois ou mais predicados, os quais podem combinar-se para formar um período coordenado.

Desse modo, a partir da explanação de algumas características gerais da língua Parkatêjê, pode-se perceber que há variados processos envolvendo a fonologia, morfologia e sintaxe, os quais foram aqui apresentados apenas resumidamente. Algumas questões, principalmente aquelas relacionadas ao tema deste trabalho, deverão ser mais bem detalhadas em capítulos subsequentes.

No capítulo a seguir, apresentamos a fundamentação teórica que embasa o presente estudo.

3**CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

Todas as línguas fazem distinções em partes do discurso ou classes de palavras, há, porém, diferenças bastante marcantes entre as línguas no que diz respeito tanto ao tipo quanto ao número de tais distinções apresentadas por elas. Desse modo, cada língua será descrita de modo distinto, conforme sua estrutura, embora possa, por vezes, expressar noções semânticas semelhantes.

Questões como estas têm sido discutidas desde muito tempo, e algumas constatações podem ser consideradas válidas para a descrição linguística da maioria das línguas do mundo. Por exemplo, o fato de que existem as classes de nomes e verbos, as quais apresentam características distintivas e opostas. Outras, no entanto, são contestáveis, como a existência do adjetivo como classe de palavra aberta em todas as línguas. Em geral, o critério para sustentar tal afirmação é apenas o semântico, e como tem sido demonstrado amplamente na literatura linguística, as familiares definições nocionais de partes do discurso não fornecem uma base adequada para a classificação em classes de palavras, uma vez que existem muitos casos em que a sua aplicabilidade ou inaplicabilidade não é clara. Como veremos a seguir um único critério não é suficiente para delimitar uma classe de palavra.

O presente capítulo, desse modo, trata de três tópicos principais para este trabalho. Primeiramente será feita uma breve apresentação da corrente teórica que norteia a pesquisa, em seguida será realizada uma discussão acerca das categorias lexicais sobre as quais este trabalho versa, focalizando na classe verbal, mas também fazendo um contraponto entre esta e as classes de nomes e adjetivos. Por fim, será mostrado de que forma a descrição de línguas indígenas brasileiras, principalmente aquelas pertencentes à família linguística Jê, da qual a língua Parkatêjê também faz parte, podem ser plenamente bem estudadas considerando-se o arcabouço teórico-metodológico de base funcionalista.

3.1 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Existem estudos linguísticos embasados em distintos modelos teóricos que fazem com que se tenha um olhar diferenciado sobre determinado fenômeno da língua. Um desses modelos é o funcionalista que tem como principal característica o estudo da língua em uso. Este tipo de estudo é necessário e desejável para a descrição de línguas, tendo em vista que ao analisar a língua em seus mais diversos contextos de ocorrência é possível abrangê-la de forma mais completa.

Pode-se afirmar que o ponto comum no modelo funcionalista, em suas diferentes perspectivas, é o fato de a maioria deles concordarem que este leva em consideração, não somente as estruturas gramaticais das línguas, mas também as diversas situações comunicativas em que são utilizadas, isto é, faz-se necessário investigar os fenômenos da língua em seu contexto real de uso. Para o trabalho de descrição linguística em que o pesquisador não tem intuição sobre os enunciados, esta corrente teórica é muito interessante, pois, ao invés de ignorar os elementos extralinguísticos, permite que se considere a língua no contexto social e se analise dados usados por falantes reais.

3.1.1 Correntes funcionalistas vs. Correntes formalistas

O funcionalismo surge em contraposição ao que vinha sendo feito nos estudos linguísticos formalistas, tais como estruturalismo e gerativismo. No funcionalismo a língua é analisada no uso, nas situações comunicativas considerando a função desempenhada na frase, e não como estrutura estável e pressuposta.

Dik (1989) destaca algumas diferenças entre as duas correntes, dentre as quais mencionamos as principais. No formalismo a língua é analisada como um conjunto de sentenças e o estudo da competência tem uma prioridade lógica e metodológica sobre o estudo do desempenho. Segundo essa corrente, as sentenças de uma língua devem ser descritas independentemente do contexto em que ocorreram e a aquisição da língua é considerada inata. Além disso, os universais linguísticos são considerados propriedades inatas do organismo biológico e psicológico dos homens.

No funcionalismo, por outro lado, a língua é um instrumento de interação social e o estudo do sistema linguístico deve ter lugar no interior do sistema de usos linguísticos, desse modo, a descrição dos elementos linguísticos de uso de uma língua deve proporcionar pontos de contato com o contexto em que ocorreram. Outro fator é que a criança descobre o sistema que subjaz à língua e ao uso linguístico ajudada por *inputs*

de dados linguísticos extensos e altamente estruturados, presentes em contextos naturais. Os funcionalistas defendem também que os universais linguísticos são especificações inerentes às finalidades da comunicação, à constituição dos usuários da língua e aos contextos em que as línguas são usadas.

A gramática funcional, assim, correlaciona as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas. Para tanto, ultrapassa o limite da sentença e avança na análise de textos extensos. Esse ramo de estudos libertou a língua de seus rígidos limites estruturalistas e gerativistas, estabelecendo correlações entre os fatos gramaticais e os dados da comunidade que os gerou. Pode-se dizer que a gramática funcional reage contra a inflexibilidade da língua sustentada pela atitude formalista, que postula a língua como uma atividade mental ou como um código (cf. CASTILHO, 2010). A análise funcionalista, por outro lado, está sempre em mudança, isso se dá justamente por causa do dinamismo da língua.

Pode-se dizer então que a distinção básica entre o Funcionalismo e o Formalismo é que aquele incorpora elementos extralinguísticos nas análises, enquanto este limita-se a analisar somente o que está transparente na forma. Portanto, para o funcionalismo, não seria cabível estabelecer propostas gerais sobre o funcionamento da linguagem, e sim concepções que prestigiem as características das línguas por meio de análise linguística baseada em dados usados por falantes reais em situações reais de interlocução/enunciação.

O Funcionalismo apresenta duas correntes teóricas principais: a Europeia e a Norte-americana. O *funcionalismo europeu* surgiu com a escola de Praga em 1926, tendo como precursor Vilém Mathesius. Essa corrente funcionalista surgiu para afirmar a função das unidades linguísticas na fonologia e na sintaxe. Os linguistas do funcionalismo europeu faziam distinção entre diacronia e sincronia, além de realizarem análises de caráter pragmático e discursivo. Jakobson, um dos representantes dessa corrente, postulava que a linguagem deveria ser trabalhada a partir de suas diversas funções. Estas, por sua vez, deveriam considerar certos elementos que compõem os atos de fala, a saber, remetente, destinatário, contexto, mensagem, canal e código. Além da escola de Praga, o funcionalismo europeu manifestou-se, também, na escola de Genebra com as teorias de Halliday, e na Holanda com estudos de Dik.

O *funcionalismo Norte-americano*, por outro lado, foi influenciado por antropólogos, filósofos, etc. (cf. Givón, 2001, p. 1). Essa corrente estudava as línguas com base no seu contexto e fatores externos, havendo uma ligação entre discurso e

gramática. Na atualidade, destacam-se nomes como Givón, Thompson e Hopper no funcionalismo norte-americano. Givón estudava as motivações comunicativas e cognitivas para explicar os fatos gramaticais. Para o autor existe uma estreita associação entre os aspectos funcionais, tipológicos e diacrônicos da gramática. Hopper e Thompson desenvolveram estudos sobre a transitividade, classes de palavras no discurso, dentre outros.

3.1.2 Funcionalismo-tipológico

Embora o funcionalismo tenha iniciado com o Círculo Linguístico de Praga, o surgimento da concepção funcional-tipológica só ocorre por volta da década de 1970 com Talmy Givón, Paul Hopper e Sandra Thompson. O estudo tipológico consiste em encontrar, em cada língua, diferenças e similitudes com o intuito de descobrir qual a visão de mundo que cada comunidade linguística possui e como ela representa essa realidade linguisticamente, considerando-se sempre os contextos de uso.

Diante do exposto, a corrente que orienta a presente pesquisa é a norte-americana, que se ancora na abordagem funcional-tipológica. Na próxima seção trataremos da categorização de adjetivos, nomes e verbos pautados neste segmento.

3.2 CATEGORIAS LEXICAIS

Todas as línguas humanas possuem maneiras de expressar sua visão de mundo. Para tanto, utiliza-se de palavras ou itens lexicais, os quais apresentam relação entre uma cadeia sonora e um significado, além de variações que abrangem as classes de palavras como um todo e que completam uma palavra pela marcação de suas relações no interior de estruturas mais amplas. Assim, conforme Schachter (1985), se reconhece na palavra características de três tipos: semânticas, morfológicas e sintáticas, e é em decorrência de tais propriedades que as palavras são distribuídas em classes. Contudo, é importante considerar primordialmente os critérios de ordem gramatical, pois

as familiares definições nocionais para classes de palavras, tais como, 'um substantivo designa o nome de uma pessoa, lugar ou coisa', falham em promover uma base adequada para a classificação das palavras, já que há muitos casos em que sua aplicabilidade ou inaplicabilidade não é clara. O critério gramatical, por outro lado, não está aberto a esta objeção. (SCHACHTER, 1985, p. 3)⁶

⁶ Tradução minha.

A distribuição das palavras em classes, portanto, nem sempre é consenso entre os estudiosos, várias possibilidades de organização das palavras em classes foram propostas, as quais variaram em torno de quatro a onze categorias lexicais. Aristóteles, por exemplo, distinguia duas classes de palavras, as quais carregam significado, são elas nome e verbo. A primeira não apresenta marcas de tempo ao contrário do que ocorre com a segunda classe mencionada. A conjunção e o artigo são dois elementos considerados por Aristóteles como essenciais da elocução, mas que não apresentam significado. Varrão, por outro lado, considera muito mais os aspectos gramaticais para a reelaboração da proposta de Aristóteles, assim, ele define quatro classes (nome, verbo, particípio e advérbio) que se diferenciam em função do caso e do tempo.

Os estóicos também propunham uma classificação diferenciada, com cinco partes: verbo, conjunção, artigo, nomes próprios e nomes comuns. Os gramáticos gregos estabeleceram um modelo padrão que se fixou durante muito tempo, contendo oito classes: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção; porém, mesmo após proporem esta classificação “canônica”, por volta do sec. II a.C., a qual o gramático latino Donato também aderiu⁷, a discussão continua. O que se nota, então, é que as classes de nomes e verbos são as que incontestavelmente permanecem em todas as classificações mencionadas anteriormente. Contudo, o adjetivo, ora é inserido na classe nominal, ora na classe verbal, e também pode ser tido como uma classe independente em algumas línguas.

Portanto, muito do que se tem na convencional classificação dos itens lexicais em português não se aplica à realidade da maioria das línguas. Em Inglês, por exemplo, devido ao fato de *red* ser definido como adjetivo, torna-se difícil pensar o predicado *it is red* (“é vermelho”) como verbificação da ideia de qualidade. Porém, esse entendimento não soa estranho nos casos em que se substitui *it becomes red, it turns red* (“fica vermelho, torna-se vermelho”) por *it reddens* (avermelha-se).

Conforme Sapir (1980), não poder dizer *it reds* com o mesmo significado de *it is red*, trata-se apenas de uma questão idiomática inglesa. Muitas outras línguas só podem expressar noções adjetivais por meio de uma partícula verbal, ou seja, “*red* em tais línguas é apenas um derivado verbal *being red*, como o são os nossos *sleeping, walking* [...]. E assim como há línguas que reduzem a verbos a grande massa dos adjetivos, outras há que os reduzem a nomes” (SAPIR, 1980, p. 93).

⁷ O gramático latino Donato manteve oito classes, porém ao invés do artigo ele considerou a interjeição como classe.

De acordo com estudiosos funcionalistas, tais como Givón (1984), Hopper e Thompson (1984), Schachter (1985), Payne (1997), Dixon (2004) entre outros, geralmente encontramos quatro classes lexicais maiores nas línguas, a saber, nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Não trataremos do advérbio porque não é o foco deste trabalho, mas abordaremos somente o nome, o adjetivo e o verbo, tendo em vista que os itens lexicais da língua Parkatêjê que serão investigados nos próximos capítulos abrem margem, a priori, para a sua inclusão em uma destas classes, pois compartilham propriedades morfossintáticas com as três.

Nomes, verbos e adjetivos constituem classes abertas, pois elas, em geral, são mais numerosas, são formadas por palavras que apresentam significado lexical e geram vocabulário novo. As classes fechadas, por outro lado, contêm um número fixo e geralmente pequeno de palavras. Tais classes podem ser compostas por: proformas, elementos qu-, clíticos, marcadores, determinantes, classificadores, auxiliares, cópulas e predicadores, conjunções, complementizadores, relativizadores e adverbializadores, preposições/posposições (adposições), ideofones e interjeições.

No entanto, nem todas elas existem obrigatoriamente em todas as línguas, muitas vezes os mesmos significados são expressos por meio de mecanismos morfossintáticos distintos em duas línguas, como acontece com a classe de adjetivos. Quanto a essa questão, Sapir (1980, p. 94) afirma que “cada língua tem um plano seu. Tudo depende das demarcações formais que ela admite”. Nas próximas subseções aprofundamos estas questões, além de acrescentar outras, e contrapomos os verbos com nomes e adjetivos.

3.2.1 Verbos

De acordo com Givón (1984), nomes, verbos e adjetivos distribuem-se mais sistematicamente ao longo de uma dimensão semântica coerente, chamada de escala de estabilidade no tempo. Em um dos extremos da escala lexical-fenomenológica, encontram-se aglomeradas experiências que denotam mudanças rápidas no estado do universo. Estas são, prototipicamente, eventos ou ações que as línguas tendem a lexicalizar como verbos. Membros dessa categoria lexical são mais abstratos que nomes, embora, neste aspecto, possam ser classificados em uma escala.

Dessa forma, os verbos prototípicos se distinguem dos nomes, semanticamente, porque exprimem as realidades dinamicamente e não estaticamente como aqueles o fazem. Para Lyons (1979, p. 341) “ser estativo é normal para a classe dos adjetivos, mas

anormal para os verbos; ser não-estativo é normal para os verbos, mas anormal para os adjetivos.” Apesar disso, dentro da classe verbal, os seus membros podem ser classificados em função de diferentes graus de estabilidade. Assim, ‘bater’, ‘atirar’ ou ‘chutar’ são verbos instantâneos, os quais denotam mudanças extremamente rápidas. ‘Cantar’, ‘trabalhar’, ‘comer’ ou ‘ler’, por outro lado, podem denotar um processo muito mais lento de mudança, e são caracteristicamente verbos de atividade ou processo. Finalmente, verbos como ‘saber’, ‘compreender’ ou ‘gostar’ tendem a denotar estados duradouros, isto é, não codificam mudança ou apresentam mudanças muito lentas.

Segundo Payne (1997), os verbos podem ser distinguidos semanticamente a partir de grupos, que apresentam, dentre outros, verbos de: estado, processos involuntários, funções corporais, moção, posição, ação, cognição, emoção etc. Conforme o autor, alguns tipos desses verbos podem requerer propriedades morfossintáticas distintas, outros não, a depender da língua. Estas propriedades de verbos podem ser de cunho distribucional – relacionada à maneira como as palavras funcionam em sintagmas e orações – e estrutural – diz respeito a estrutura interna do verbo.

Do ponto de vista tanto morfológico quanto sintático, as categorias para as quais verbos podem ser especificados incluem tempo, aspecto, modo, voz e polaridade, conforme Schachter (1985). A primeira categoria acima citada indica o tempo relativo ao momento da elocução. Este, comumente pode aparecer afixado aos verbos, por meio de prefixos ou sufixos, como ocorre nas línguas Swahili (Bantu) e Ute, respectivamente (GIVÓN, 1984):

- (1) a. ni-ta-soma ‘Eu vou ler’ (futuro)
 b. n-a-soma ‘Eu leio’ (habitual)
- (2) a. wũḡka-vaani ‘(ele) vai trabalhar’ (futuro)
 b. wũḡka-mi ‘(ele) sempre trabalha’ (habitual)

Menos comumente, a morfologia de tempo-aspecto envolve mudanças internas dentro do próprio radical verbal, como nos verbos irregulares do Inglês: *sing/sang/sung*⁸. É possível também a ocorrência de partículas, em algumas línguas

⁸ Cantar, cantei, cantado.

indígenas, que expressam tempo no conjunto sentencial, apesar de não se encontrarem anexadas ao verbo, conforme os exemplos⁹ da língua Parkatêjê demonstram a seguir:

(3) pe pia aiku kãm kaka apiri nãwär
 PD Dub PR Posp não.querer Iter pedir+Pas
 ‘Dizem que (a Lua) não quis e pediu de novo’

(4) wa ka pika pe nã hõ
 eu Fut terra Loc deitar dormir
 ‘eu vou dormir no chão’

A marcação de aspecto indica se a ação do verbo é completa ou incompleta, durativa ou momentânea etc. A marcação de modo envolve distinções entre indicativo e subjuntivo ou declarativo e interrogativo, por exemplo. Muitas vezes os morfemas ou partículas de tempo podem ser combinados aos de aspecto e modo e vice-versa. Em inglês, por exemplo, os aspectos perfeito e progressivo, tais como *I have (had) read the book* e *I am (was) reading the book*¹⁰, respectivamente, podem ser combinados livremente com tempo e modo. Lyons (1979) ressalta, contudo, que os verbos estativos do Inglês não ocorrem com o aspecto progressivo, por exemplo.

A marcação de voz, por sua vez, está relacionada ao papel do sujeito na ação expressa pelo verbo, a mais comum distinção de voz ocorre entre ativa e passiva. A marcação de polaridade distingue afirmativa de negativa. Conforme Givón (1984) os marcadores de negação, muitas vezes, são codificados, no verbo, por clíticos, mais frequentemente em combinação com os morfemas de tempo, aspecto e modo. Eles podem aparecer como prefixos (exemplo 5) ou sufixos verbais (exemplo 6) e, ainda, podem ser codificados por elementos pré e pós-verbais juntos nos casos em que há dupla negação (exemplo 7):

(5) *língua Bemba*

a. ba-kà-boomba eles-FUT-trabalhar ‘Eles irão trabalhar’	b. ta -ba-kà-boomba NEG-eles-FUT-trabalhar ‘Eles não irão trabalhar’
--	---

⁹ FERREIRA, 2003, p. 119.

¹⁰ “Tenho (tinha) lido o livro” e “Estou (estava) lendo o livro”.

(6) *língua Japonesa*

- | | | | | | |
|----|-----------------------------|-------------|----|---------------------------------|--------------------------|
| a. | bin-o | kowasi-dalo | b. | bin-o | kowasa- nai -dalo |
| | garrafa-ACU | quebrar-FUT | | garrafa-ACU | quebrar-NEG-FUT |
| | (Ele) vai quebrar a garrafa | | | (Ele) não vai quebrar a garrafa | |

(7) *língua Ute*

- | | | | |
|----|-----------------------------|----|--------------------------------|
| a. | wúṽka-y | b. | ka -wúṽka- wa -y |
| | trabalhar-IMM ¹¹ | | NEG-trabalhar-NEG-IMM |
| | ‘(ele) está trabalhando’ | | ‘(ele) não está trabalhando’ |

O verbo também pode frequentemente transportar afixos ou pronomes concordando com o sujeito, como em Swahili:

- (8) ni-li-soma ‘Eu leio’
 u-li-soma ‘Você lê’
 a-li-soma ‘ele/ela lê’

Outro aspecto mais ligado à sintaxe dos verbos é que eles tendem a formar obrigatoriamente núcleos de sentenças, isto é, a função característica de verbos é como predicado da sentença (cf. GIVÓN, 1984; SCHACHTER, 1985). Entretanto, em algumas línguas, como Tagalog, por exemplo, verbos podem ocorrer como argumentos. Além disso, em todas as línguas é possível a subclassificação de verbos em transitivos ou intransitivos com base na ocorrência ou não de seus objetos. Segundo Schachter (1985), em algumas línguas, a distinção transitivo-intransitivo ocasiona outras distinções gramaticais:

- (9) u ye a san
 eles PAS isto comprar
 ‘Eles compraram isto’

- (10) u boli-la

¹¹ IMM - Aspecto imediato.

eles caminhar-PAS

‘Eles caminharam’

Os exemplos acima, correspondentes à língua Bembara, mostram que o tempo passado é expresso com verbos transitivos por um auxiliar – *ye* – e com verbos intransitivos por um sufixo – *la*. Estas e outras características estão presentes em muitas línguas, tanto em verbos ativos, quanto em verbos estativos, estes últimos podem, por vezes, apresentar aspectos semelhantes e distintos de verbos prototípicos, como ver-se-á a seguir.

3.2.1.1 *Descritivos*

Os descritivos, também chamados de verbos não-ativos ou estativos, formam uma subclasse verbal, conforme Ferreira (2003). Eles são verbos intransitivos, os quais codificam ações não controladas pelo sujeito e expressam significados adjetivais.

Em muitas línguas indígenas é recorrente a categorização desta subclasse verbal ao invés de adjetivos, devido, sobretudo, aos aspectos morfossintáticos inerentes aos itens lexicais que dela fazem parte, os quais são semelhantes aos encontrados em verbos ativos, dentre eles destacamos os principais: (i) causativização morfológica; (ii) relativização da oração na função atributiva no sintagma nominal; (iii) ocorrência de marcas de tempo, aspecto e modo; (iv) ocorrência com pronomes ou prefixos relacionais; (v) marcas de negação. Estas questões serão melhor discutidas e exemplificadas posteriormente. A seguir trataremos da caracterização semântica e morfossintática da classe nominal.

3.2.2 **Nomes**

Experiências que estão relativamente estáveis ao longo do tempo, isto é, aquelas que, ao longo de repetidas situações parecem ser mais ou menos as mesmas, tendem a ser lexicalizadas em línguas humanas como nomes. De acordo com Dixon (1986), a classe de nomes fornece informações sobre projeto físico (tamanho, forma, animacidade), função ou uso (comestível, habitável), categorias cognitivas em uma dada cultura e também sobre o papel social e a interação.

Conforme Givón (1984), os nomes mais prototípicos são aqueles que denotam entidades concretas, físicas, compactas feitas de matéria durável, sólida, tais como

'árvore', 'cão', 'pessoa' etc. O conjunto mais geral das características hierarquicamente dispostas usadas para classificar nomes é:

Entidade > Temporal > Concreto > Animado > Humano¹²

Se uma entidade tem uma característica dessa hierarquia, automaticamente também tem todas as características para a esquerda na hierarquia. Portanto,

quando um nome é apenas “entidade”, sem mais especificações, é mais comumente referido como um nome *abstrato*, tais como ‘liberdade’ ou ‘dignidade’. O nome ‘temporal’ é frequentemente referido como semi-abstrato, os exemplos são ‘Julho’, ‘dia’, ‘domingo’, etc. Nomes concretos (mas inanimado) têm dimensões espaciais (e outras qualidades concretas associadas com objetos físicos). Eles são nomes como ‘casa’, ‘cadeira’, ‘árvore’ etc. Animados (mas não-humanos) são nomes como ‘cavalo’, ‘abelha’, ‘peixe’ etc. E humanos são nomes como ‘professor’, banqueiro, governador (sem mais especificação de gênero) ou ‘homem’, ‘mulher’, ‘bailarina’ (com gênero obrigatório). (GIVÓN, 1984, p. 56)¹³

Na maioria das línguas algumas distinções gramaticais ocorrem entre nomes comuns e nomes próprios. Segundo Schachter (1985) os primeiros são usados para referir qualquer membro da classe de pessoas e os últimos são usados para referir pessoas específicas. Há, no entanto, variações consideráveis de língua para língua. Por exemplo, em Inglês, nomes comuns diferem de próprios pela ocorrência dos primeiros com artigos. Em Tagalog, por outro lado, estes apresentam diferentes marcações de caso e de tópico, pois não há artigos:

(11) Malapit *sa* babae *ang* bata
 perto OBL mulher TOP criança
 ‘A criança está perto da mulher’

¹² Entidade está relacionada a tudo aquilo que existe; temporal diz respeito ao que existe em um determinado momento; concreto, por outro lado existe no tempo e no espaço; animado acrescenta a tudo isso o fato de ser um organismo vivo; e humano também adiciona a característica de ser humano (Givón, 1984).

¹³ Tradução minha.

- (12) Malapit *kay* Maria *si* Juan
 perto OBL Maria TOP Juan
 ‘Juan está perto de Maria’

Outra sub-classificação bastante comum de nomes, pertencente principalmente aos nomes concretos, envolve as propriedades de tamanho e forma, e se manifesta mais frequentemente em quantificar expressões, como em “um grão de sal” e “uma xícara de chá”. Givón (1984) afirma que, em muitas línguas, um tal sistema, originário da quantificação de frases, eventualmente se desenvolve em uma classificação flexional dos nomes. Parte desse sistema envolve as propriedades de contabilidade, isto é, o contraste entre nomes contáveis e não-contáveis.

De acordo com Schachter (1985), as categorias típicas por meio das quais o nome pode ser especificado, tanto morfológica, quanto sintaticamente, são caso, número, gênero e definitude. A primeira - marcação de caso - indica as funções gramaticais, como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Essas funções podem ser marcadas por prefixos ou sufixos, como ocorre na língua Bikol (Philippine) e em japonês, respectivamente:

- (13) nag-ta’ó ’ang-laláke ning-libro sa-babáye
 ACT-dar SUBJ-homem ACU-livro DAT-mulher
 ‘O homem deu um livro para a mulher’

- (14) otoka-wa onna-ni tegami-o kaita
 homem-SUBJ mulher-DAT carta-ACU escreveu
 ‘O homem escreveu uma carta para a mulher’

A marcação de número distingue singular de plural, e mais raramente, dual. Frequentemente as línguas apresentam os morfemas de pluralização e ausência destes para indicar singular, como em Bantu, Inglês e Português. Em Esquimó, a diferenciação entre os morfemas utilizados para indicar plural e aqueles que indicam dual ocorre conforme o exemplo a seguir mostra:

- (15) iglu ‘casa’

iglut ‘casas’

igluk ‘duas casas’

Ao contrário de línguas como Bantu, em Ute, o plural não está envolvido na classificação morfológica dos nomes, isto ocorre devido ao fato de que algumas línguas não marcam número nos nomes, mas indicam a pluralidade, primariamente, através da concordância, nos verbos, ou em outra parte do sintagma nominal.

A marcação de gênero é outra característica relevante ao estudo dos nomes. Esta decompõe o conjunto de nomes em subconjuntos, cada um dos quais têm sua própria marcação distintiva. Há subconjuntos com necessidades de marcas diferentes em certas palavras que mostram argumentos com nomes, os quais incluem feminino, masculino e neutro. De acordo com Anderson (1985)

a categoria de gênero é inerente nos nomes, mas frequentemente não é a base de qualquer processo gramatical aplicado aos nomes: realiza-se abertamente apenas em outras áreas da flexão, através da operação de concordância. Este tipo de comportamento não está estritamente limitado à classe de nomes [...]. Tal reflexo indireto de uma categoria inerente é, contudo, razoavelmente comum para sistemas de classes nominais, e bastante mais raro em qualquer outra parte da gramática. (ANDERSON, 1985, p. 177)¹⁴

Línguas semíticas têm, tipicamente, a classificação de gênero e número, como nos seguintes exemplos de Hebreu (Givón, 1984, p. 59):

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<i>Masculino</i>	yéled ‘menino’	yelad-im ‘meninos’
<i>Feminino</i>	yald-á ‘menina’	yelad-ót ‘meninas’

Quadro 6: Marcação de gênero e número em Hebreu

E, por fim, a definitude está relacionada, em termos gerais, à identificação ou não-identificação do nome ou sintagma nominal, podendo ser definido ou indefinido, respectivamente. Em algumas línguas que apresentam esta característica o contraste é dado pelo artigo. Alguns exemplos de distinções de definitude em Inglês são *a man* vs.

¹⁴ Tradução minha.

the man. Em Amárico, a definitude, enquanto categoria do sintagma nominal, é marcada no primeiro elemento do constituinte somente (exemplo 16). Além disso, as relações entre o possuidor e o possuído também são relevantes em muitas línguas, e podem ser expressas por meio de pronomes, prefixos ou sufixos anexados aos nomes.

- (16) tinniš-u mɔSihaf
 pequeno-DEF livro
 ‘o livro pequeno’

Sintaticamente, a função mais comum dos nomes é a de funcionar como argumento ou como núcleo de argumentos (cf. GIVÓN, 1984, SCHACHTER, 1985), contudo também é possível sua ocorrência como predicado, com o acompanhamento de uma cópula ou sem ela, como os exemplos de Hausa e Russo respectivamente mostram:

- (17) su *malamai* ne
 eles professores COP
 ‘Eles são professores’

- (18) oni učitelja
 eles professores
 ‘Eles são professores’

De acordo com Givón (1984) os nomes são mais propensos a ser os temas ou participantes na sentença, ao invés de predicado. Dessa forma, percebe-se que há muitos aspectos semânticos e morfossintáticos ligados aos nomes, alguns podem, por vezes, e a depender da língua, ser encontrados em itens lexicais pertencentes tradicionalmente a outras classes, por exemplo, a do adjetivo, como ver-se-á a seguir.

3.2.3 Adjetivos vs. nomes e verbos

As classes de nomes e verbos, os dois extremos prototípicos da escala de estabilidade de tempo, são atestadas no léxico de todas as línguas (cf. GIVÓN, 1984). Por outro lado, a classe de adjetivo é um pouco obscura principalmente em termos morfossintáticos, pois este, muitas vezes, se assemelha às características expressas por

nomes e verbos em algumas línguas. Em línguas que têm adjetivos como uma classe é inquestionável que estes são diferentes de nomes e verbos, segundo Bhat (1994), o que tem sido questionado é a natureza dessa distinção e os critérios que podem ser usados para descrever adjetivos.

A tradicional definição de adjetivos está relacionada ao fato de que estes denotam qualidades ou atributos, e que constituem uma classe aberta, no entanto, somente estas características não são suficientes para delimitar esta classe, havendo muitos outros aspectos a serem discutidos. Por exemplo, há línguas que possuem uma classe de adjetivo fechada, ou seja, uma classe que “contêm um número fixo e geralmente pequeno de membros, que são [essencialmente] os mesmos para todos os falantes da língua, ou dialeto” (ROBINS, 1964 *apud* SCHACHTER, 1985, p. 4)¹⁵, como ocorre na língua Igbo. Há outras em que as noções tradicionalmente expressas pela classe adjetival se encontram na classe de verbos, como ocorre em Mandarin, ou na classe de nomes, em Finlandês. Assim, abordaremos esta classe, semanticamente, sob a perspectiva de tipos semânticos e a de estabilidade temporal, propostas por Dixon (1982) e Givón (1984), respectivamente.

Dixon (1982, p. 16) propõe uma espécie de “protótipo” para os adjetivos, tomando como base o Inglês, mas verificando também o que ocorre em outras línguas. Dessa forma, ele afirma que os adjetivos podem ser divididos em sete tipos semânticos:

1. Dimensão: grande, pequeno, longo, curto, gordo, magro etc.
2. Propriedades físicas: duro, macio, pesado, leve, quente, frio, doce, azedo etc.
3. Cor: preto, branco, vermelho etc.
4. Propensão humana: ciumento, feliz, inteligente, generoso, cruel, orgulhoso etc.
5. Idade: novo, jovem, velho etc.
6. Valor: bom, mau, adequado, perfeito etc.
7. Velocidade: rápido, ligeiro, lento etc.

O autor assume que cada tipo semântico tem, em uma determinada língua, suas propriedades gramaticais particulares, bem como que cada tipo semântico tem uma base conectada com uma ou diferentes partes do discurso. Nem todas as línguas expressarão essas noções da mesma maneira, a língua Igbo mencionada acima, por exemplo, apresenta adjetivos distribuídos em quatro tipos semânticos: Dimensão, cor, Idade e

¹⁵ Tradução minha.

valor (ver quadro 6). Segundo Dixon (1982) não importa quão pequena ou restrita esta categoria é, é provável que inclua, pelo menos, estes quatro tipos.

Dimensão	Cor	Idade	Valor
úkwú 'grande'	ójí'i 'preto, escuro'	ọhụ'rụ 'novo'	ọmá 'bom'
ńtà 'pequeno'	ọcá 'branco, claro'	ócyè 'velho'	ọjọ'ọ 'mau'

Quadro 7: Tipos semânticos em Igbo

O referido autor sugere ainda que, em línguas que apresentam uma classe fechada de adjetivos, certos significados podem ser expressos por nomes ou verbos. Por exemplo, o tipo propriedade física é frequentemente expresso mais por verbos do que por nomes, o inverso acontece em relação ao tipo propensão humana. Há línguas em que os tipos semânticos formam uma subclasse verbal, por exemplo, em Acehneses, há uma série de evidências que mostram que os conceitos adjetivais não formam uma categoria lexical separada de verbos (cf. THOMPSON, 1988):

(19) gopnyan ka sakêt=geuh
 3 INCHOATIVE doente=UNDERGOER
 'Ele/ela ficou adoentado'

(20) ureueng pula padè nyan
 Pessoa plantar arroz aquela
 'aquela pessoa plantando arroz'

Nos exemplos acima, pode-se perceber duas evidências: (i) ocorrências com *ka* inicial assim como os verbos; (ii) qualquer verbo pode ser usado atributivamente sem dificuldades morfossintáticas. Além desta, línguas como Aghem, Chinês, Lakhota, Samoan, entre outras, apresentam argumentos similares.

Por outro lado, há línguas em que os tipos semânticos que compreendem as noções adjetivais formam uma classe nominal, tais como: Dyirbal, Holandês, Hausa, Alemão, Polonês, Islandês, Diyari, Finlandês. Nesta última, nomes e adjetivos têm muito em comum: eles são flexionados, da mesma forma para número e caso, e eles tomam os mesmos sufixos possessivos e partículas pragmáticas enclíticas

(KARLSSON, 1983 *apud* THOMPSON, 1988), como mostram os exemplos a seguir, nos quais a forma *sinimen* 'azul' se flexiona para caso e ocorre com a cópula (exemplo 21), assim como seria com um nome (exemplo 22):

(21) auto on sininen
 carro: NOM COP azul: NOM
 ‘O carro é azul’

(22) Pekka on mies
 P.: NOM COP homem: NOM
 ‘Pekka é um homem’

Da mesma forma, em uma língua como Diyari, falada no sul da Austrália, segundo Austin (1981 *apud* THOMPSON, 1988), há uma classe 'nominal' que detém os ‘nomes’ e os ‘adjetivos’ como subcategorias, devido exibirem características morfossintáticas comuns, tais como caso, número e gênero, apesar de nome e adjetivo serem sempre mantidos distintos pelo fato de que apenas os nomes, mas nunca adjetivos serem subcategorizados para gênero inerente.

Semanticamente, de acordo com Givón (1984), adjetivos, nomes e verbos podem ser melhor delimitados a partir de uma escala de estabilidade temporal, que pode ser resumida do seguinte modo:

NOMES -----	ADJETIVOS -----	VERBOS -----
Mais estável no tempo	estado intermediário	mudanças rápidas

Conforme se observa acima, em línguas que têm a classe de adjetivos, estes ocupam o meio da escala de estabilidade temporal. Pode-se notar que, em línguas como Inglês, muitos adjetivos estáveis no tempo têm uma expressão alternativa, por exemplo *young/youth* ‘jovem/juventude’, semelhante ao que ocorre com os nomes. Por outro lado, muitos adjetivos de estado transitório tem a expressão alternativa como verbos, como em *be aware/know* ‘consciente/saber’. Em pares desse tipo adjetivo/verbo,

geralmente o adjetivo denota condição mais estável que o verbo. Enquanto em pares adjetivo/nome, o adjetivo se encontra menos estável que o nome.

Muitos adjetivos, talvez a maioria, nas línguas em que há essa categoria lexical, vêm em pares antônimos como em: bom/mau, longo/curto. Alguns adjetivos antonimicamente emparelhados têm o membro negativo do par derivado a partir de um positivo por um afixo, como em inglês: *wise/unwise*, *organized/disorganized*, *considerate/inconsiderate*, ou como em português: feliz/infeliz, grato/ingrato, legal/ilegal. Além disso, em muitas línguas, modificadores que quantificam como ‘muito’, ‘pouco’ e numerais como ‘um’, ‘dois’, ‘três’, bem como ordinais como ‘primeiro’, ‘segundo’, etc. pertencem morfológica e sintaticamente à classe do adjetivo. Assim, a descrição semântica destas línguas considera várias subclasses de adjetivos, e toma os quantificadores como parte da caracterização adjetival ao invés de entendê-las e tomá-las como uma classe independente.

Uma última observação com respeito à semântica interessa à diferença entre nomes e os mais prototípicos adjetivos, aqueles denotando as qualidades mais estáveis, tais como cor, forma, tamanho, textura, cheiro ou gosto, as quais também classificam os nomes mais estáveis no tempo, de modo que parece que esses adjetivos estão no mesmo ponto na escala de estabilidade no tempo que os nomes. Conforme Givón (1984) a diferença entre os dois é de complexidade semântica, o autor explica que

nomes, como a palavra ‘cavalo’, têm cor típica, forma, tamanho, textura, cheiro etc. É, portanto, o efeito conjunto de propriedades estáveis no tempo que produz maior estabilidade de nomes. Por outro lado, adjetivos prototípicos envolvem apenas uma única propriedade/qualidade. Assim, uma mudança de ‘branco’ para ‘preto’ em um ‘cavalo’ muda o adjetivo, mas não o nome ‘cavalo’ como um todo. (GIVÓN, 1984, p. 55)

De fato, a noção de protótipo de conceitos *semanticamente ricos* é dependente desse efeito de aglomeração, em que uma única propriedade não é necessariamente criterial, mas qualidades tomadas em conjunto sempre são.

Já que adjetivos se encontram semanticamente em algum lugar entre verbos e nomes, não é surpresa que, morfológicamente, eles também tendam a exibir características intermediárias. Ainda assim, grande parte da morfologia específica da língua depende da história de sua derivação - a partir de nomes ou verbos de outrora. Esta se refere ao aumento histórico da classe inteira, bem como para a derivação lexical

sincrônica de adjetivos particulares. Portanto, a alternativa para diferenciar adjetivos de nomes e verbos é tomar como base, principalmente, propriedades morfossintáticas. Em Inglês, por exemplo, é possível o uso de graus modificadores com adjetivos, mas não com nomes e verbos, conforme os exemplos ilustram:

(23) I like **sunny** days in all seasons

‘Gosto de dias ensolarados em todas as estações do ano’

(24) (*Grau comparativo de superioridade*)

Today is **sunnier than** yesterday

‘Hoje o dia está mais ensolarado do que ontem’

(25) (*Grau superlativo de superioridade*)

Tomorrow will be **the sunniest** day of the year

‘Amanhã será o dia mais ensolarado do ano’

Nomes mostram distinção de número e têm marcas de posse, enquanto verbos apresentam distintas flexões de tempo, aspecto e modo. Conforme Bhat (1994), adjetivos não apresentam estas duas características geralmente, quando ocorrem como expressões referenciais, eles neutralizam a distinção de número, e similarmente, quando ocorrem como predicados, eles necessitam de um auxiliar associado ao tempo, aspecto e modo. Estas características, no entanto, não se apresentam uniformemente em todas as palavras da classe adjetival e nem em todas as línguas, por isso, também é importante verificar as funções que estes itens lexicais desempenham na sintaxe e no discurso. Em Inglês, por exemplo, o adjetivo ocorre primariamente como modificador de nomes em frases nominais, enquanto o nome ocorre como o elemento principal destas e o verbo como o núcleo de sentenças.

Em Hebreu, adjetivos concordam em gênero e número com os nomes, os quais eles modificam (ou são predicados), mas não apresentam a flexão de pessoa; esta última é a característica de concordância padrão de verbos. Além disso, em Hebreu o adjetivo modificador leva o artigo definido como o nome, como se observa nos exemplos (cf. GIVÓN, 1984, p. 75):

(26) ha-iéled ha-gadól
 o-menino o-grande
 ‘O menino grande’

(27) he-yelad-im ha-gdol-ím
 o-menino-PL/M o-grande-PL/M
 ‘Os meninos grandes’

Historicamente, em línguas Bantu centrais, a classe do adjetivo é derivada a partir dos nomes, como a morfologia comum ainda atesta. Entretanto, em muitas línguas Bantu, estados menos duráveis se encontram na classe verbal. Na língua Bemba, pode-se observar que os prefixos dos nomes e adjetivos em função de predicado são idênticos; em contraste, o predicado verbal leva um prefixo de concordância pronome/sujeito e prefixo de tempo-aspecto, que adjetivos – mesmo quando eles concordam com o sujeito - não levam:

(28) a. *Predicado verbal*: umu-ana a-lée-boomba
 PREFIX-criança ele-PROG-trabalhar
 ‘A criança está trabalhando’

b. *Predicado adjetival*: umu-ana múu-suma
 PREFIX-criança PREFIX-boa
 ‘A criança é boa’

c. *Predicado nominal*: umu-ana múu-buyi
 PREFIX-criança PREFIX-ladrão
 ‘A criança é um ladrão’

Segundo Schachter (1985), Mojave é uma língua que, diferentemente de Bemba, expressa os significados adjetivais por meio da classe verbal, isto é, as palavras com significado adjetival apresentam mais propriedades gramaticais de verbos, principalmente os estativos, apesar de que aqueles também têm, pelo menos, uma propriedade distintiva não partilhada por verbos. Então, uma das características

compartilhadas é que adjetivos e verbos estativos são indistinguíveis quando eles são usados como predicados:

(29) ʔi:pa-č homi:-k (iõu:m)
 homem-SUBJ alto-PRES (AUX)
 ‘O homem é alto’

(30) ʔi:pa-č su:paw-k (iõu:m)
 homem-SUBJ saber-PRES (AUX)
 ‘O homem sabe’

Contudo, os itens adjetivais são distintos de verbos estativos e outros verbos, quando eles são usados como modificadores na referida língua. Nesse caso, os verbos obrigatoriamente devem aparecer na forma relativizada, por meio do acréscimo do prefixo *k^w*, enquanto para os itens adjetivais a ocorrência com prefixos relativizadores é opcional na função de modificador.

Em muitas línguas, tal como o Inglês, a classe de adjetivos é grandemente aumentada via derivação lexical de verbos ou nomes. Algumas dessas derivações são razoavelmente estáveis linguisticamente. Assim, por exemplo, as três derivações seguintes de adjetivos a partir de verbos são bastante comuns:

- a) Resultado concluído: *broken* ‘quebrado’, *burnt* ‘queimado’
- b) Processo contínuo: *eating* ‘comendo’, *burning* ‘ardente’
- c) Potencialidade: *breakable* ‘quebrável’, *edible* ‘comestível’

Por outro lado, quando adjetivos são derivados a partir de nomes, eles, então, tendem a codificar mais significado estável no tempo do que aqueles codificados por adjetivos derivados de verbos. Assim, em Inglês, os padrões comuns de derivação de nome para adjetivo ocorre como em: *median* ‘mediano’, *colorful* ‘colorido’ etc. Além disso, há um pequeno grupo de adjetivos não-derivados. Segundo Givón (1984), diacronicamente, a maior parte parece ter sido derivada de nomes. Sincronicamente, eles pertencem às qualidades adjetivais mais prototípicas, isto é, aquelas referentes às qualidades físicas estáveis, tais como tamanho, forma, textura, cor, sabor ou cheiro.

Em Ute, a pequena classe de adjetivos não-derivados ou originais mostra o mesmo padrão de pluralização que os nomes, quando esses adjetivos modificam nomes animados. No entanto, muitos sentidos adjetivais nessa língua são lexicalmente codificados como verbos, de forma que adjetivos derivados podem ser obtidos a partir de tais verbos. Estes derivados mantêm a característica de pluralização também presente em verbos, e, além disso, têm um sufixo animado característico de nomes animados derivados. Tais adjetivos derivados, assim, mostram a morfologia *híbrida*, contendo alguns nominais e alguns verbais.

De acordo com Givón (1984), sintaticamente, adjetivos podem aparecer em sentenças, quer como *predicado*, quer como *modificadores* do nome. Como modificadores, eles podem mesmo tornar-se afixados no próprio nome. Como predicados, eles podem ou não ser acompanhados de cópula, segundo Schachter (1985). Em inglês usa-se uma cópula, enquanto em Ilocano não, como se observa a seguir:

(31) Natayag daydyay babae
 alta TOP mulher
 ‘A mulher é alta’

No entanto, conforme Schachter (1985), em classes fechadas de adjetivos, estes ocorrem somente como modificadores, mas não como predicado, conforme os exemplos da língua Hua mostram:

(32) a. Bura fu nupa fu baie
 aquele porco preto porco é
 ‘Aquele porco é um porco preto’

b. *Bura fu nupa baie
 aquele porco preto é
 (‘Aquele porco é preto’)¹⁶

De acordo com Croft (1991), as maiores categorias sintáticas de nomes, verbos e adjetivos podem ser analisadas em termos de dois parâmetros independentes, mas

¹⁶ Tradução acrescentada pela autora da presente dissertação.

prototipicamente correlacionados: a classe semântica do item lexical e a função pragmática que a raiz desempenha na sua manifestação de uma posição na estrutura da oração:

	Nome	Adjetivo	Verbo
Classe semântica	Objeto	Estado	Ação
Função pragmática	Referência	Modificação	Predicação

Quadro 8: Parâmetros para categorias sintáticas

Como se observa no quadro acima, o autor considera que os adjetivos podem ser definidos como pertencendo à classe semântica de estados e tendo como função primária a de modificador de nomes. McCawley (1982 *apud* BHAT, 1994) considera necessário o uso de múltiplos fatores, a fim de resolver problemas a respeito da definição de categorias sintáticas. Para o referido autor, fatores como categoria lógica (sentença, predicado e argumento), categorias lexicais (nomes, verbos, adjetivos etc.), diferenças morfológicas (flexional e derivacional), relações gramaticais (sujeito, objeto direto etc.) e restrições sobre transformações seriam relevantes para o propósito sintático.

O quadro 9, a seguir, sintetiza as características morfossintáticas de nomes, verbos e adjetivos, encontradas em diferentes línguas do mundo em classes abertas, conforme apresentado ao longo do presente capítulo.

PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS	CLASSES DE PALAVRAS		
	Nomes	Verbos	Adjetivos
Aspecto		√	
Caso	√	√	
Definitude	√		
Gênero	√		√ ¹⁷
Grau	√		√
Modo		√	

¹⁷ Por concordância.

Número	√	√	√
Pessoa		√	
Polaridade		√	
Posse	√		
Tempo		√	
Transitividade		√	
Voz		√	

Quadro 9: Propriedades morfossintáticas mais comuns em nomes, verbos e adjetivos

Na subseção a seguir veremos como são descritas tais classes de palavras em algumas línguas indígenas brasileiras.

3.3 LÍNGUAS INDÍGENAS E AS CLASSES DE PALAVRAS

Cada língua indígena apresenta especificidades e propriedades inerentes que nem sempre são encontradas em outras, ao mesmo tempo em que apresentam semelhanças genéticas e por isso são agrupadas em troncos e famílias. Em relação às classes de palavras isso também é verdadeiro, pois assim como há línguas indígenas que apresentam muitas classes, há outras com poucas. Essa classificação vai depender, em geral, dos critérios para classificação de palavras adotados pelo linguista.

Há duas classes que são reconhecidas em línguas do tronco Tupi ao Macro-Jê: nomes e verbos. Embora estas possam apresentar algumas propriedades específicas de língua para língua, como uma marca de posse diferenciada nos nomes ou verbos que se ligam aos prefixos relacionais e outros verbos que não apresentam essa possibilidade, elas permanecem como classe aberta, pois têm produtividade lexical e constituem-se independentemente das demais.

Os adjetivos, por outro lado, não constituem uma classe em todas as línguas indígenas, semelhante ao que ocorre em outras línguas do mundo, como foi discutido anteriormente. Línguas como Mbyá e Panará, por exemplo, têm, além de nomes e verbos, uma classe de adjetivo que se distingue morfossintaticamente destas¹⁸. Por outro

¹⁸ Para mais informações sobre Mbyá e Panará consultar os trabalhos de Dourado (2001) e Martins (2011):
 DOURADO, Luciana. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de doutorado. Campinas/SP: [s.n.], 2001.

lado, em Karajá¹⁹ estes itens integram a classe de nomes. Há, ainda, línguas como Apãniekrá e Pykobjê que, embora não tenham o adjetivo como classe aberta, expressam estas noções por meio de verbos, como ver-se-á na próxima subseção.

3.3.1 Verbos descritivos em línguas Jê

Nesta subseção apresentaremos brevemente de que maneira é realizada a classificação dos itens lexicais tidos, tradicionalmente, como adjetivos, mas que são considerados verbos, ou são analisados como mesclados entre verbos e adjetivos em algumas línguas da família Jê, como Apãniekrá e Pykobjê.

Apãniekrá, língua timbira assim como o Parkatêjê, é falada por cerca de 677 indígenas²⁰. De acordo com Alves (2004), possui oito classes de palavras: nomes, verbos, advérbios, pronomes, numerais, posposições, conjunções e partículas. Nesta língua, os significados adjetivais encontram-se arrolados dentro da classe verbal, mais especificamente são tidos como verbos intransitivos não-ativos.

Conforme Alves (2004), os verbos não-ativos, cujo sujeito é paciente, denotam estados, qualidades, ações não-controladas ou sentimentos (fisiológicos ou psicológicos). Nos casos em que expressam sentimentos, seus sujeitos são marcados pelo dativo (²¹exemplo 33). É possível, ainda, a ocorrência destes verbos com um único argumento, subjacente (exemplo 34) ou derivado (exemplo 35), pela incorporação do objeto:

(33) i-mã pa

1-DAT sentir.medo

‘eu estou com medo’

(34) i-kakrɔ

1-estar.quente

MARTINS, Marci Filete. Classes de palavras no Mbyá: há na língua uma classe independente de adjetivo? In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara et al (org.). *Línguas e culturas Tupi (Vol 3); Línguas e culturas Macro-Jê (Vol 2)*. Campinas/SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/Unb, 2011.

¹⁹ Para maiores detalhes ver: RIBEIRO, Eduardo Rivail. Análise morfológica de um texto Karajá. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna & CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora UnB, 2005.

²⁰ O povo Apãniekrá vive na área indígena Porquinhos, no Estado do Maranhão.

²¹ Abreviaturas da língua Apãniekrá presente nos exemplos: CAUS = causativo; DAT = dativo; ERG = ergativo; IRR = irrealis; MS = mesmo sujeito; PR = prefixo relacional; PL = plural; REL = relativizador; 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; 3 = 3ª pessoa.

‘eu estou com febre’

- (35) ka ha =mẽ a-ɲ-ĩ= kuto
 2 IRR =PL 2-PR-carne= emagrecer
 ‘vocês vão emagrecer’

Além disso, tais verbos codificam ações não controladas pelo sujeito, o qual pode ser expresso por nominais ou pronomes dependentes (cf. ALVES, 2004). Há, desta forma, dois aspectos morfossintáticos principais que corroboram para que estes itens lexicais sejam tratados como verbos ao invés de adjetivos, são eles: a causativização morfológica e a relativização da oração na função atributiva no SN²², os quais estão exemplificados abaixo, respectivamente:

- (36) aʔkrajɾe tɛ ko tɔ= iʔ-kakrɔ
 criança ERG água CAUS= 3-estar.quente
 ‘a criança esquentou a água’

- (37) rɔp [ita mpej]_{REL} nẽ iʔ-tik
 cachorro REL bom MS 3-morrer
 ‘o cachorro (que era) bom morreu’

Outra língua indígena, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, família Jê e uma das sete línguas membros do grupo étnico Timbira, é o Pykobjê²³. Esta língua é composta de oito classes de palavras que incluem classes abertas e fechadas. Os verbos, no Pykobjê, semelhantemente ao que ocorre em Apãniekrá e em outras línguas humanas, ocupam o núcleo do predicado, dividindo-se em transitivos e intransitivos. Os intransitivos ainda se subdividem em ativos e estativos. De acordo com Amado (2004,

²² Existe a possibilidade de verbos intransitivos não-ativos, tais como *aka* ‘branco’, *vej* ‘velho’ e *piĩ* ‘pesado’, ocorrerem sem a relativização, nos casos em que exercem a função de modificadores do nome.

²³ Os Pykobjê se autointitulam como *Pykop catëë jë* (*Pykop catëë* = “o povo de Pykop” - imagem mítica de uma deusa salvadora da cosmologia Timbira, *jë* = “meu povo, minha gente”). Atualmente, este povo reside no município de Amarante, Maranhão. Com uma população de aproximadamente 540 índios, estão divididos em três aldeias – Governador, Rubiácea e Riachinho – distando entre 6 e 25 km da cidade de Amarante (cf. AMADO, 2004).

p. 38), o sujeito de verbos estativos não apresentam volição ou controle sobre a ação, possuem função predicativa e podem se confundir com a noção de adjetivo²⁴.

(38) eʔ - ko

3 estar molhado

‘ele está molhado’ (ele se molhou)

A partir da sucinta descrição sobre o que ocorre nas línguas Apãniekrá e Pykobjê, bem como das outras línguas exemplificadas ao longo deste capítulo, pode-se concluir que nestas, os termos semanticamente adjetivais incluídos na classe verbal, ou parte deles, conforme os parâmetros morfológicos e sintáticos adotados, são deste modo, itens lexicais intransitivos e não-ativos. Assim, conforme afirma Dixon (1982) os significados adjetivais estão presentes nas línguas do mundo, mas podem ser expressos por meio de diferentes mecanismos.

No próximo capítulo serão apresentadas as características gerais de nomes e verbos em Parkatêjê, com base em Araújo (1989) e Ferreira (2003), além de algumas hipóteses para os descritivos na língua.

²⁴ Apesar dessa constatação, a referida autora reconhece também uma classe de adjetivos na língua, a qual funcionaria como qualificativos, quantificadores ou modificadores dos nomes,

CLASSES DE PALAVRAS EM PARKATÊJÊ

Assim como em muitas línguas humanas, em Parkatêjê há descrições que diferem no que diz respeito às classes de palavras. Em um de seus primeiros trabalhos de pesquisa desenvolvido com a língua, Araújo (1989) descreve seis classes de palavras: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome e relatores.

Ferreira (2003) amplia essa descrição e de forma mais detalhada delinea nove classes possíveis de serem encontradas em Parkatêjê, são elas: nomes, verbos, advérbios, pronomes, descritivos, posposições, partículas, conjunções e interjeições.

Pode-se notar, desse modo, que as classes de nomes e verbos são consideradas nas análises das presentes autoras; a classe de adjetivos, por outro lado, somente em Araújo (1989). Aquelas são classes que apresentam características semânticas, morfológicas e sintáticas específicas e delimitadoras de cada uma, ao contrário desta. Portanto, no presente capítulo, serão apresentados os principais aspectos relacionados a nomes e a verbos, entrelaçando-os com aqueles que poderiam existir entre estes e uma possível classe de adjetivos, com base, principalmente, nas teses de Araújo (1989) e Ferreira (2003).

4.1 ASPECTOS DOS NOMES EM PARKATÊJÊ

Nesta seção serão apresentadas as principais características que compõem a classe de nomes em Parkatêjê.

4.1.1 Características gerais

A classe dos nomes em Parkatêjê pode ser delimitada a partir de características morfológicas e sintáticas. Segundo Ferreira (2003), do ponto de vista morfológico, esta classe apresenta algumas características principais, dentre as quais: apresenta categoria de posse, ou seja, é possível distinguir os nomes possuíveis dos não-possuíveis a partir de mecanismos morfossintáticos distintos; pode ocorrer com o formativo *mẽ*, se o

referente for [+humano]; não apresenta flexão de gênero; é marcada pela categoria de caso; possui raízes nominais que podem ser derivadas de itens de outras classes de palavras, assim como raízes verbais também podem ser nominalizadas. Do ponto de vista sintático, por sua vez, a classe dos nomes pode: ocupar a posição de núcleo do sintagma nominal; aparecer como predicado de orações não-verbais; ocorrer como núcleo em locuções genitivas ou possessivas, especificamente os nomes possuíveis; sofrer modificação, por descritivos, quantificadores, demonstrativos, bem como por outros nomes.

Além disso, os nomes podem ocorrer com os prefixos relacionais. Segundo Ferreira (2003, p. 55), “a ocorrência dos prefixos relacionais é uma característica tipológica que coloca a língua Parkatêjê entre as línguas consideradas com marcação no núcleo”. Estes prefixos podem ocorrer, em Parkatêjê, com nomes e com verbos, naqueles, os prefixos relacionais marcam a relação entre o nome e o seu possuidor, como se observa no exemplo (39).

(39) mpo tf- ur
 Ind Rel pus
 ‘pus da ferida’

Ferreira (2003, p. 54) apresenta o seguinte quadro, o qual mostra os prefixos relacionais e suas funções junto aos nomes em Parkatêjê:

Classe A		Classe B
Possuidor especificado		Possuidor indefinido
Possuidor expresso na locução	Possuidor ≠ sujeito ou deslocado de sua posição original	
3 y tf Ø	h- Ø	h- Ø
Referência a um possuidor expresso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expresso fora da locução genitiva.	Referência a um possuidor indefinido.

Quadro 10: Prefixos relacionais com os nomes

No exemplo (40) tem-se o nome *rɔp* ocorrendo com um prefixo relacional da classe A, em que o possuidor está expresso na sentença; no exemplo (41), por sua vez, tem-se um prefixo relacional que faz referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expresso fora do sintagma nominal; e em (42) têm-se ocorrências com os prefixos relacionais da classe B, no qual o possuidor é indefinido.

(40) Airɔm ʒ ã rɔp
 NPr Rel- Pos cachorro
 ‘cachorro do Aiom’

(41) wa mũ h- ã rõkrɛ wɪr mõ
 Eu Rel- Pos casa Dir ir
 ‘eu vou para a casa dele’

(42) a. h-apak ‘orelha’ ou ‘orelha dele’
 b. Ø-krit ‘nariz’ ou ‘nariz dele’

No que diz respeito à estrutura do nome em Parkatêjê, Ferreira (2003, p. 58) afirma que “o significado do nome composto não se reduz à simples soma dos itens lexicais que o constituem. Em geral, os compostos apresentam um significado distinto daquele de seus itens constituintes”. Esta questão fica explícita no exemplo (43), no qual os nomes *par* e *krɛ* unidos formam o composto ‘canoa’.

(43) a. par ‘pau’
 b. krɛ ‘buraco’
 c. parkrɛ
 pau + krɛ
 ‘canoa’ *lit.* ‘pau com buraco’

De forma semelhante ocorre com compostos formados por nomes e descritivos. Há também na língua compostos nominais formados por meio do acréscimo de sufixos derivacionais, são eles: *-t/ẽ*, ocorre junto a raízes verbais, e *-kate*, ocorre junto a nomes, conforme os exemplos mostram, respectivamente.

- (44) a. p̄er ‘pé’
 b. kupu ‘enrolar’
 c. p̄erkupu-t̄j̄e
 pé + enrolar-Nom
 ‘sapato’

- (45) r̄əp-kate
 onça-Agt
 ‘caçador de onça’

Os nomes próprios, por sua vez, também são compostos e são nomes não-possuíveis, assim, são formados pelos mesmos padrões dos nomes comuns.

4.1.1.1 *Posse*

Os nomes em Parkatêjê apresentam marcas morfossintáticas e semânticas por meio das quais é possível distinguir os não-possuíveis, os alienavelmente possuídos e os inalienavelmente possuídos entre si. De acordo com Ferreira (2003, p. 49), os primeiros nunca são precedidos de um possuidor, além de não atuarem como núcleos de locuções genitivas. Fazem parte desta subclasse os nomes de pessoas, de plantas e fenômenos da natureza em geral.

- (46) a. kokrire ‘rio’
 b. p̄it ‘sol’
 c. kat̄fer ‘lua’

Os nomes alienavelmente possuídos, por sua vez, apresentam as seguintes características (cf. FERREIRA, 2003): (i) referem-se a objetos da cultura material; (ii) podem ou não ocorrer em relações genitivas precedidos de possuidor; (iii) o possuidor pode ser expresso por meio de locução nominal ou dos pronomes dependentes; (v) os nomes alienáveis não são ‘diretamente’ possuídos, por isso é indispensável o uso do prefixo relacional, mais o nome \tilde{o}^{25} , conforme se observa no seguinte exemplo:

²⁵ Nome genérico de posse.

- (47) Piare ʒ- ã kruwa
 NPr Rel Pos flecha
 ‘flecha do Piare’

Os nomes que se referem a partes do corpo, e de um todo, e a termos de parentesco são os chamados inalienavelmente possuídos. Estes, diferentemente dos alienáveis, sempre são precedidos do possuidor. Outro elemento que os diferencia dos alienáveis é o fato de os prefixos relacionais da classe A assinalarem a relação sintagmática entre o possuidor (modificador) e o nome núcleo (modificado), pois aquele pode ocorrer imediatamente antes deste em locuções genitivas, que tem como núcleo um nome inalienável.

- (48) yatʃu Ø- krã
 veado Rel- cabeça
 ‘cabeça do veado’

A referência ao possuidor também pode ser codificada junto ao nome núcleo pelos prefixos relacionais da classe B nos casos em que o possuidor:

- (i) é conhecido pelo contexto;
- (ii) é expresso por uma locução nominal deslocada;
- (iii) é indeterminado.

4.1.1.2 Número

Conforme Ferreira (2003, p. 56), o formativo *mẽ* é utilizado, geralmente, para marcar o plural em Parkatêjê. Este formativo ocorre antes dos nomes considerados [+humanos]. O singular, por outro lado, não é marcado.

- (49) mẽ ntia tem ton tozo
 Pl mulher Erg+Pl tatu caçar
 ‘as mulheres caçaram tatu’

- (50) zũm mẽ mpi mẽ pia?
 Int Pl homem Int Dub

‘quem são (aqueles) homens?’

Além disso, o formativo *mẽ* também pode ocorrer com sentido de ‘ninguém’ ou substituindo o pronome de terceira pessoa do plural em construções negativas, nestas aquele ocorre na posição do sintagma nominal objeto.

4.1.1.3 Algumas funções sintáticas

Os sintagmas nominais em Parkatêjê têm como núcleo um nome ou um pronome livre, de acordo com Ferreira (2003), eles podem apresentar as funções de sujeito, objeto de verbos transitivos, objeto de posposições e predicado em orações não-verbais. No exemplo a seguir tem-se um sintagma nominal formado pelo nome, mais o demonstrativo, que o modifica.

(51) aykre ita
 casa Dem
 ‘esta casa’

Quando os sintagmas nominais compõem o núcleo de orações com predicado não-verbal, não há presença de cópula, nem de marcas de tempo e aspecto, seus elementos constituintes são apenas justapostos. Segundo Ferreira (2003, p. 166), orações deste tipo podem ser: a) identificacionais - expressam relação de identidade e possuem dois sintagmas nominais justapostos (exemplo 52); b) possessivas (ou existenciais) - expressam posse e apresentam a seguinte ordem dos constituintes: nome ou pronome dependente - *mã* - sintagma nominal (exemplo 53); c) equativas – afirmam que dois referentes são idênticos, desta forma, possui um SN funcionando como sujeito e outro como complemento (exemplo 54); d) locativas - apresentam um sintagma nominal e um posposicional (exemplo 55).

(52) intjũm way
 meu.pai pajé
 ‘meu pai é pajé’

(53) katiy mǎ ãzǎre
 Tia Dat galinha
 ‘Katyí tem galinha’ *lit.* ‘para Katyí, galinha’

(54) ita kuputi
 Dem beiju
 ‘isto é beiju’

(55) i- tʃ-wa i- y- arkwa kǎm
 1 Rel-dente 1- Rel- boca Loc
 ‘meu dente está na minha boca’

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS VERBOS EM PARKATÊJÊ

Nesta seção serão apresentadas as principais características que compõem a classe de verbos em Parkatêjê.

4.2.1 Características gerais

Os verbos da língua indígena Parkatêjê constituem núcleo de sintagma verbal e do predicado e apresentam uma divisão binária, isto é, podem ser sub-classificados em ativos e estativos ou descritivos, (Cf. ARAÚJO, 1989; FERREIRA, 2003). Além disso, de acordo com Ferreira (2003), os verbos em Parkatêjê têm subclasse com possibilidade de flexão de pessoa. Desta forma, os verbos ativos ocorrem com pronomes livres e os descritivos com os pronomes dependentes, isso deixa estes semelhantes aos nomes, nesse aspecto.

No que diz respeito às categorias de tempo, aspecto e modo, estas não se encontram diretamente na raiz verbal, mas sim na sentença ocupando posições específicas em relação ao verbo, sendo assim, representadas pelas partículas.

A classe verbal é composta por verbos transitivos e intransitivos. Prototipicamente, esses elementos desempenham as funções morfossintáticas e semânticas postuladas por Givón (1984), Lyons (1979) e Schachter (1985), discutidas no capítulo três da presente dissertação, o fato de serem núcleos do predicado é uma

delas, por exemplo. Além dessa, os verbos em Parkatêjê poderão apresentar outras propriedades, tal como a ocorrência de formas longas e formas curtas, característica comum a outras línguas da família Jê. Esses e outros aspectos dos verbos serão mostrados ao longo desta seção.

4.2.1.1 Marcação de caso

A marcação de caso está relacionada à forma pela qual uma determinada língua organiza os papéis sintático-semânticos S, A e O²⁶. Os sistemas de marcação de caso nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo são os mais comuns e podem ser encontrados em muitas línguas, assim como em Parkatêjê. Os esquemas abaixo mostram como esses sistemas ocorrem:

NOMINATIVO-ACUSATIVO

$[S = A] \neq O$

ERGATIVO-ABSOLUTIVO

$[S = O] \neq A$

No primeiro, têm-se S e A sendo tratados igualmente - de forma que os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos pertencem ao caso nominativo - e ambos se diferenciando de O – o qual corresponde ao caso acusativo. Por outro lado, no segundo esquema, têm-se S e O sendo tratados da mesma maneira e A ocorrendo de maneira distinta aos dois.

De acordo com Ferreira (2003, p. 188), em Parkatêjê, é possível observar um sistema de ergatividade cindida, isto é, os dois sistemas acima mencionados podem ocorrer na língua, em contextos distintos e podem ser condicionados pela categoria de

²⁶ S - sujeito de verbo intransitivo, A - sujeito de verbo transitivo e O - objeto direto de verbo transitivo, conforme Dixon (1994).

tempo, por exemplo. Assim, o sistema nominativo-acusativo ocorre, geralmente, no tempo presente e o ergativo-absolutivo no tempo passado, como se observa, respectivamente, nos exemplos:

(56) wa Akiare pupun
 Eu NPr Rel-ver
 ‘eu vejo o Akiare’

(57) a- te Piare pupun mã te a- pupũn inũare
 2 Erg NPr Rel-ver+Pas DS Erg 2- Rel-ver+Pas Neg
 ‘tu viste o Piare, mas ele não te viu’

Por meio do exemplo (57), percebe-se que o *te* é marca de ergatividade, e ocorre geralmente, em sentenças transitivas e com verbo no passado perfectivo, nesse caso, o argumento A é marcado por *te* (singular), e pode ser um pronome dependente ou um nome, e o argumento S e o objeto direto O não são marcados. Esta cisão está condicionada não somente pela categoria de tempo, mas também pelo aspecto (e modo), como se observa no quadro 11 (FERREIRA, 2003, p. 191).

TA(M)	A	O	Sistema	Verbo
Não-passado Não-perfectivo	Pronome livre ou LN	Pronome dependente no verbo ou LN	$S = A \neq O$	Forma curta ou não-estendida
Passado Perfectivo	Prefixo pronominal ou LN marcados por <i>te/tem</i> ²⁷	Pronome dependente no verbo ou LN	$S \neq A \neq O$ ou $A \neq S = O$	Forma longa ou estendida

Quadro 11: Cisão condicionada por TA(M)

Além disso, em Parkatêjê há um tipo de sistema de marcação de caso em que os sujeitos de verbos intransitivos manifestam-se de formas distintas, conforme Ferreira (2003). Verbos intransitivos ativos (S_a), cuja semântica denota ação de fato, teriam seus

²⁷ *te* (singular) e *tem* (plural).

sujeitos pronominais manifestos com os pronomes livres; verbos intransitivos descritivos (S_o), cuja semântica denota qualificativo, ocorreriam com pronomes dependentes. Há, na língua, ainda, uma terceira subclasse de verbos intransitivos que, para Ferreira (2003), são os verbos descritivos (S_{io}) que denotam necessidades fisiológicas e psicológicas, os quais têm seu sujeito pronominal dependente marcado pelo caso dativo, com a partícula *mã*, de forma que o único argumento desses verbos recebe marcação não-canônica (cf. FERREIRA, 2003, p. 92). Estes três tipos de verbos têm em comum a possibilidade de apresentar predicados simples ou estendidos.

4.2.1.2 Formas longas e curtas

Alguns verbos ativos apresentam, além da forma curta, uma forma longa em Parkatêjê. Conforme Ferreira (2003, p. 113), geralmente, “elas são formadas a partir do acréscimo de uma consoante vibrante lateral sonora e da cópia da vogal da raiz verbal, que não é pronunciada plenamente [...]”. As principais terminações encontradas formando a forma longa de verbos na língua são: *-k* (ti / tik ‘morrer’); *-m* ~ *-ma* (kõ / kôm ‘beber/ ingerir’); *-n* (pe / pen ‘acabar’); *-r* (kãmpa / kãmpar ‘escutar’) e *-t* (tje / tjet ‘assar/ queimar’). O exemplo (58), a seguir, mostra a ocorrência do verbo *katɔ* em sua forma curta e o exemplo (59) o mesmo verbo em sua forma longa.

(58) ri i- katɔ
 Já 1- chegar
 ‘eu chego já’

(59) pe tʃõti kot katɔ^u ku-krẽr
 PD urubu Com chegar+Pas Onc-comer+Pas
 ‘Aí o urubu chegou com ele e o comeu’

Segundo Ferreira (2003), as ocorrências mais frequentes com a forma longa ocorrem no tempo passado e aspecto perfectivo, como se observa no exemplo (59), enquanto que as formas curtas aparecem nos demais tempos e aspectos. A referida autora ressalta, ainda, que talvez não seja possível formular uma regra única, tendo em vista o fato de que esse fenômeno pode também ser lexicalmente condicionado.

4.2.1.3 Transitividade verbal

De acordo com Ferreira (2003), os verbos intransitivos se distinguem dos transitivos por apresentar apenas um argumento nominal (S), bem como por fazer a distinção entre duas classes maiores de verbos: os ativos e os descritivos (ou estativos), os quais podem ser delimitados de acordo com suas propriedades morfossintáticas e semânticas e podem apresentar marcação de caso (S_a , S_o e S_{io})²⁸. O quadro a seguir permite visualizar melhor as diferenças entre os dois. Assim, tem-se:

VERBOS			
TRANSITIVOS (Admitem além de um nominal em função de sujeito (A), um segundo nominal em função de objeto (O).)	Verbos ativos		
	Verbos ativos	Verbos descritivos	
INTRANSITIVOS (Apresentam apenas um argumento nominal (S).)	S_a	S_o	S_{io}

Quadro 12: Verbos transitivos e intransitivos em Parkatêjê

Além disso, os verbos intransitivos podem ser simples, nos quais o papel nuclear corresponde ao sujeito (S), ou estendidos, que ocorrem com a presença de um adjunto, isto é, além do sujeito, apresentam um constituinte oblíquo (FERREIRA, 2003). A seguir têm-se exemplos com estes tipos de construções, em (60) há um verbo intransitivo simples, pois o verbo *mõ* ‘ir’ apresenta ocorrência somente com o sujeito *wa* ‘eu’ e em (61) há um verbo intransitivo estendido, pois o mesmo verbo apresenta um constituinte locativo *izõ rōkre wir* ‘para minha casa’, além do sujeito de verbo intransitivo *wa*.

(60) *wa mũ mõ*
 eu Dir ir
 ‘eu vou’

²⁸ Para mais detalhes ver seção 5.1.2.

- (61) wa mũ i-ʒõ rōkre wir mō
 eu Dir 1-Rel-Pos casa Dir ir
 ‘eu vou para minha casa’

Ferreira (2003, p. 99) destaca, ainda, que a estrutura argumental dos descritivos não prevê sua ocorrência em construções estendidas, verifica-se, contudo, que os descritivos S_o e os S_{io} ocorrem em construções que podem ser ditas estendidas, à semelhança de verbos S_a , com os quais é mais comum esse tipo de construção, em que há um outro argumento além do sujeito. Além disso, ocorre uma diferenciação entre os verbos ativos e os descritivos na língua, principalmente, devido à/ao (Cf. FERREIRA, 2003):

- i) *Sujeito*: os sujeitos de descritivos não manifestam volição ou controle, ao contrário dos verbos ativos;
- ii) *Semântica*: os descritivos denotam estados e/ou qualidades (S_o) ou estados fisiológicos e psicológicos (S_{io}); enquanto os verbos ativos expressam ação, movimento, descanso, posição, processo e/ou mudança de estado, de modo que verbos como *hō/hōr* ‘dormir’ e *ty/tyk* ‘morrer’ ocorrem como verbos ativos;
- iii) *Sistema pronominal*: os descritivos geralmente ocorrem com os pronomes dependentes, da mesma forma que os nomes nas construções genitivas, e os sujeitos de verbos ativos ocorrem com os pronomes livres. Conforme se observa no seguinte quadro, proposto por Ferreira (2003, p. 63).

ELEMENTOS PRONOMINAIS						
	S_a/A_{Nom}	A_{Erg}	O	S_o	O_{Posp}	$Poss$
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-	i-	i-
2 singular	ka	a-tɛ	a-	a-	a-	a-
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	ku-	ku-	ku-
1 plural exclusivo	wa...mẽ	i-tɛm	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-
1 plural inclusivo	mpa	mpa-tɛm	mpa-	mpa-		
1 dual plural	ku...mẽ	?	ku...mẽ	ku...mẽ		
2 plural	ka mẽ	ka mẽ - tɛm	mẽ a-	mẽ a-		

Quadro 13: Elementos pronominais em suas funções sintáticas

iv) *Ocorrência com prefixos relacionais*: a relação entre núcleo e argumento (sujeito e descritivo) ocorre por meio de prefixos relacionais em descritivos, mas não em verbos intransitivos ativos.

v) *Transitividade*: os descritivos podem ser uma subclasse de verbos intransitivos, pois possuem apenas um argumento nominal, os verbos ativos, no entanto, se classificam em transitivos e intransitivos. Os exemplos (62) e (63) ilustram as diferenças elencadas, nestes têm-se descritivos e verbos intransitivos ativos, respectivamente.

(62) i- ʒ-ikɔʔ

1 Rel-ser.gordo

‘eu sou gordo’

(63) Krohokrenhũm krer

NPr cantar+Pas

‘Krohokrenhũm cantou’

O quadro abaixo sintetiza as principais características de verbos intransitivos em Parkatêjê, conforme Ferreira (2003, p. 100).

Verbos intransitivos			
	Verbos ativos	Verbos descritivos	
	S_a	S_o	S_{io}
Sujeito pronominal	Pronome livre	Pronome dependente	Pronome dependente + posposição
Prefixos relacionais	Não atestados	Atestados	Atestados
Semântica	Ação	Qualidades e estados	Estados fisiológicos; sentimentos
Formas verbais	Formas distintas	Formas idênticas	Formas idênticas
Predicados	Simplex/ estendidos	Simplex/ estendidos	Simplex/ estendidos

Quadro 14: Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê

Os verbos transitivos, por sua vez, de acordo com Ferreira (2003, p. 100), são aqueles que apresentam o sujeito (A) e o objeto (O) como argumentos nucleares. Estes verbos podem ser simples – tem somente os argumentos (A) e (O) - ou estendidos – apresentam um terceiro argumento, como ocorre com os verbos *ku-hõ* ‘dar’ e *kupe* ‘mostrar’. Do ponto de vista semântico, os verbos transitivos podem se referir ao movimento e à afetação, principalmente. Além disso, há, na língua Parkatêjê, duas subclasses principais, a primeira diz respeito aos verbos que podem ocorrer com os prefixos relacionais e a segunda é formada pelos verbos que compõe a classe *ku-*.

4.3 HIPÓTESES PARA A CLASSIFICAÇÃO DE DESCRITIVOS EM PARKATÊJÊ

Araújo (1989), em sua análise sobre as classes de palavras da língua Parkatêjê, considera, dentre estas, a classe de adjetivos (ou adjetivos descritivos), sobre a qual afirma que os seus elementos podem constituir-se como modificadores do nome, ter função especificadora ou atributiva e receber os sufixos de tamanho *-re* e *-ti*, nas construções equivalentes às nossas orações copulativas.

Ferreira (2003), por outro lado, não considera que a língua apresente uma classe de adjetivos, para a autora, os itens lexicais que Araújo (1989) considerou como adjetivos são, na verdade, verbos descritivos ou estativos, os quais partilham características morfossintáticas com os verbos intransitivos, mas também apresentam características partilhadas com os nomes, como se verá a seguir.

Tendo em vista as diferentes análises mencionadas, a hipótese inicial para os itens que expressam noções adjetivais em Parkatêje era a de que estes possivelmente constituiriam uma classe independente e fechada de adjetivos, isto é, com poucos itens lexicais (MACIEL, 2013). Estes itens teriam características compartilhadas, tanto com nomes, quanto com verbos, como é comum em outras línguas indígenas que apresentam esta classe. Em Panará, por exemplo, há uma limitada classe de adjetivos com cerca de cinquenta itens lexicais (DOURADO, 2001), embora eles não possam ser caracterizados em termos de um protótipo, pois apresentam propriedades variáveis e estão sempre entre nomes e verbos. Ainda assim pode-se considerar os adjetivos como uma classe independente, em função das distinções que se estabelecem entre as três categorias.

Enquanto os verbos nessa língua ocorrem com marcas de modo e concordância, os nomes podem: (i) ocupar normalmente a posição de núcleo de argumentos do verbo, (ii) ser objeto de posposições, (iii) ser modificados por quantificadores e (iv) receber a

morfologia de número. De acordo com Dourado (2001), estas propriedades não são atestadas na classe adjetival, é isto que a diferencia. Os itens que compõem esta classe ocorrem à direita do nome e geralmente possuem a função atributiva e predicativa indistintamente, havendo algumas exceções²⁹. Além disso, esta língua apresenta adjetivos distribuídos entre os seis tipos semânticos que Dixon (1982) propõe, o único tipo que não se inclui é aquele referente à idade, o qual é expresso por meio da categoria nominal.

Semanticamente, poderíamos afirmar que haveria uma suposta classe de adjetivos em Parkatêjê, os quais se encaixam em seis tipos semânticos propostos por Dixon (1982), para as línguas humanas, são eles: dimensão, cor, valor, propriedades físicas, propensão humana e idade, conforme se observa no seguinte quadro³⁰:

TIPOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS
Dimensão	(64) katiti ‘grande’ kaprani-katiti kô kãm xa, nã jaboti grande água Loc. estar em pé Rel. kô pê ty água crescer ‘jaboti grande tava no igarapé (tomando conta) pra água não crescer’
Cor	(65) tyk preto roptyk te rop krã-katak onça preta T/A cachorro cabeça morder ‘a onça preta matou o cachorro’
Valor	(66) mpej/pej ‘bom’ ou ‘bonito’ Ry ite to iökre pej xar já 1a. T/A Instr. minha casa bonita levantei ‘eu já construí minha casa bonita’

²⁹ Segundo Dourado (2001), o adjetivo terá apenas a função atributiva no caso de ocorrer em orações como modificadores de argumentos nucleares do verbo ou com o prefixo relacional de contiguidade *y-*; e terá apenas a função predicativa quando ocorrer com o prefixo relacional de não-contiguidade *s-*.

³⁰ Os exemplos 64-66 (Araújo, 1989) e os exemplos 67-69 (Ferreira, 2003) foram extraídos mantendo-se a transcrição original apresentada pelas autoras em suas respectivas teses.

Propriedades físicas	(67) ateti ‘enrugada’ a- krəyapap ateti 2- nuca ser.enrugada ‘a tua nuca é enrugada’
Propensão humana	(68) kaprĩ ‘triste’ nõkẽm atõ kaprĩ -rɛ ontem meu.irmão estar.triste -Aten ‘ontem meu irmão estava muito triste’
Idade	(69) tũm ‘velho’ rĩ i- tũm -rɛ já 1- ser.velho -Aten ‘eu já estou velho’

Quadro 15: Tipos semânticos em Parkatêjê

Outro fator a ser considerado, nesse sentido, é que os descritivos modificam o nome, geralmente, formando compostos com este (Cf. FERREIRA, 2003, p. 91):

(70) ko.tĩkrɛ

água.ser.escurο

“café” *lit.* “água escura”

Contudo, também podem modificar verbos. O fato de estes itens lexicais poderem atuar tanto como modificadores de nomes quanto de verbos também foi reconhecido por Araújo (1989, p. 103), no entanto, ela analisou estes itens como tendo função atributiva (de verbo) e especificadora (de adjetivo). Além disso, é possível observar nos dados os descritivos ocorrendo em construções comparativas de igualdade, superioridade e inferioridade (ver *seção 5.1.4.4*), esta é uma característica inerente que os diferencia dos verbos protótipicos, mas que não é suficiente para tratá-los como adjetivos. Desse modo, a hipótese de que os descritivos poderiam formar uma classe independente de adjetivos não se sustenta, isto é, não há evidências morfossintáticas suficientes que permitam essa classificação, pois os descritivos apresentam partículas de tempo, aspecto e modo em

suas construções e outras características compartilhadas com verbos. (para mais detalhes ver *capítulo 5*).

Outra hipótese seria a de que os descritivos fariam parte da classe de nomes, pois compartilham algumas características com esta, tais como: ocorrências com prefixos relacionais e ocorrências com os sufixos *-re* e *-ti*. Além disso, as construções com os verbos *S_o*, em alguns contextos, se assemelham com aquelas que ocorrem com o nome inalienavelmente possuído:

(71) i- ʒ-ikɔtɔ
 1 Rel-ser.gordo
 ‘eu sou gordo’

(72) i- ʒ- ãn
 1- Rel- fezes
 ‘minhas fezes’

No exemplo (72), o *i-* seria um pronome possessivo de primeira pessoa e não um pronome pessoal como ocorre com o descritivo (Cf. FERREIRA, 2003). Há construções sintáticas semelhantes às destes exemplos em Karajá:

(73) i- dɔdɔkɛ=r-e
 [iɔdɔɔ'kere]
 ‘é quente’

(74) d-udɔdɔ=r-e
 [tʃudɔ'dɔre]
 ‘é frio’

Ambas as situações são consideradas por Ribeiro (2005) como nominais, pois levam as mesmas series de prefixos que ocorrem com nomes. Para o referido pesquisador, apesar destes itens lexicais serem tidos tradicionalmente como verbos “é mais provável que predicados descritivos sejam simplesmente nomes em uso predicativo” (RIBEIRO, 2005, p. 108).

Comparando o exemplo (71) com o (72) observamos que poderia tratar-se apenas de uma questão de interpretação dos dados, de modo que apenas o contexto poderia diferenciar ocorrências como estas, em que pode-se ter ‘minha gordura’ ou ‘eu sou gordo’, por exemplo. No entanto, ao mudar o tempo da sentença, de presente para passado (exemplo 75), notamos que há diferenças entre elas, pois são incluídas partículas temporais.

(75) a. i- ʒ-ikɔtɔ
 1 Rel-ser.gordo
 ‘eu sou gordo’

b. wa pe aiku i-ʒ-ikɔtɔ-ti
 1 pe PR 1-Rel-ser.gordo-Intens
 Eu era gordo

Assim, questões como estas podem ser verificadas por meio da análise de outros dados comparativos, por meio dos quais poderá ser observada a ocorrência desses itens lexicais em contextos diversos, e, assim, delimitar se há ou não diferenças de tempo, aspecto e modo, como se verá no próximo capítulo.

E, por fim, a última hipótese seria considerar que os descritivos são uma subclasse verbal em Parkatêjê, tendo em vista que, conforme Ferreira (2003): os descritivos ocorrem com partículas de aspecto; recebem a mesma forma de negação que os verbos ativos e apresentam semelhanças entre algumas formas imperativas dos verbos ativos.

(76) kɔrmã aipĩ prër mã i-ʒ-irɔtɔ-rɛ
 Ainda Pas acordar+Pas DS 1-Rel-estar.mole-Intens
 “ainda não acordei e estou muito mole”

Acima têm-se um exemplo com a partícula de aspecto *kɔrmã*, porém, a sentença apresenta além do descritivo *izirɔtɔrɛ*, o verbo *prër*, de modo que não há nada que comprove neste exemplo que a partícula de aspecto esteja, de fato, presente na sentença em função do descritivo. Poderia haver a possibilidade de que *kɔrmã* esteja acompanhando o verbo *prër*, o qual está mais próximo a esta partícula. Assim, são necessários outros contextos, os quais são apresentados no próximo capítulo, que

permitted confirm or not this hypothesis, well as permitted verify if the descriptives occur with other particles besides this.

**CONSTRUÇÕES DESCRITIVAS EM PARKATÊJÊ:
ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS**

Verbos e nomes constituem classes importantes na língua Parkatêjê. As duas apresentam características distintas na maioria das vezes, mas também há algumas marcas morfo-sintáticas que são comuns, como é o caso da ocorrência de prefixos relacionais e de alguns sufixos etc. Estas marcas embora ocorram tanto com nomes quanto com verbos, apresentam diferentes funções em cada contexto específico.

Tendo em vista questões como estas, o presente capítulo apresenta as propriedades semânticas e morfo-sintáticas especificamente dos descritivos em Parkatêjê. Tendo como principal objetivo confirmar ou refutar o status verbal destes itens lexicais buscamos selecionar uma série de dados que mostram os descritivos em sentenças de tempos e aspectos distintos, construções comparativas, entre outros.

5.1 DESCRITIVOS

Os descritivos em Parkatêjê podem, à semelhança do que acontece com adjetivos em muitas línguas Indo-europeias, ocorrer tanto na função predicativa quanto na função atributiva, ocupar o meio da escala de estabilidade temporal, proposta por Givón (1984), bem como ter a função de modificadores dos nomes, conforme os exemplos abaixo ilustram:

(77) Mpo ita jōmrō hànānīre

mpo	ita	3-ō-mrō	h-3n3-nīre
Ind	Dem	Rel-Pos-comida	Rel-estar.gostoso-Enf

Essa minha comida está muito gostosa

(78) Ītia kīnīnīre nā aiku teryti

ītia	kīnī-nīre	nā	aiku	teri-ti
mulher	ser.bonita-Enf	SS	PR	ser.alto-Intens

A mulher bonita era muito alta

Embora isso ocorra na língua, somente esses aspectos não são suficientes para tratá-los como uma classe de adjetivos. Na verdade, os dados da língua Parkatêjê mostram que estes itens lexicais têm mais tendência a se comportar como verbos, pois compartilham inúmeras características com estes, considerando-se sua ocorrência com as partículas de tempo, aspecto e modo, principalmente, conforme ver-se-á no decorrer do presente capítulo. A seguir apresentamos algumas propriedades inerentes a nomes e a verbos na língua.

5.1.1 Semelhanças com nomes e verbos

Os nomes e os verbos em Parkatêjê constituem classes independentes do ponto de vista morfossintático e semântico. De acordo com Araújo (1989), os nomes apresentam como principais características o fato de constituírem o núcleo do sintagma nominal e de funcionarem como argumento do predicado, enquanto os verbos constituem-se como núcleo do sintagma verbal e apresentam marcas temporais e aspectuais.

Além disso, a referida autora considera que o nome está entre aquelas classes que podem receber algum tipo de afixação, tal como aquela referente a tamanho, a qual pode ser expressa pelos sufixos *-re* e *-ti*. O primeiro indica tamanho pequeno ou tudo que é fino e/ou frágil, como mulher, criança e velho; e o segundo, por sua vez, refere-se ao tamanho grande ou a tudo que é grosso e/ou forte, como homem e jovem. Segundo Ferreira (2003), *-re* e *-ti* também ocorrem com verbos, mas, nesse caso, como intensificadores.

Essa classe também tem como características predominantes o fato de apresentar marcação de caso, flexão de número (por meio do formativo *mẽ*) e categoria de posse, isto é, os nomes podem ser não-possuíveis e possuíveis (alienáveis ou inalienáveis). Com relação à estabilidade temporal, mencionada no capítulo três e proposta por Givón (1984), pode-se afirmar, conforme Ferreira (2003), que grande parte dos nomes em Parkatêjê expressam conceitos estáveis no tempo, os quais referem-se a animais, plantas, elementos e fenômenos naturais, nomes de pessoas, objetos em geral, bem como relações pessoais.

Além disso, os nomes em Parkatêjê não apresentam flexão de gênero e podem ser modificados por descritivos, quantificadores, demonstrativos e outros nomes. Os

descritivos, semanticamente, expressam noções adjetivais e, muito embora sejam mais bem reconhecidos como verbos, não deixam de compartilhar características também com os nomes em Parkatêjê, as quais serão comentadas a seguir.

5.1.1.1 Intensidade

Os sufixos *-re* e *-ti*, os quais ocorrem com os nomes indicando dimensão, isto é, diminutivo e aumentativo, respectivamente, também ocorrem com os verbos, com os quais exercem, no entanto, outra função (Cf. ARAÚJO, 1989; FERREIRA, 2003). Em verbos, tanto ativos, quanto descritivos, estes sufixos marcam a intensidade. Os exemplos a seguir mostram estes sufixos ocorrendo com verbos intransitivos descritivos:

(79) Mẽ ijõto mẽ kaprĩre

mẽ i-j-õ-to mẽ kaprĩ-re
 Pl 1-Rel-pos-irmão Pl triste-Aten
 Meus irmãos estão muito tristes

(80) Kormã ipar jikõtôti

kormã i-par ʒ-ikoto-ti
 Incompl 1-pés Rel-estar.inchado-Intens
 Meus pés ainda estão muito inchados

Além desses sufixos, há outras partículas que possuem a mesma função, ou seja, marcam ênfase e intensidade, contudo ocorrem especialmente com verbos, são elas: *nĩre* e *are*. Esta última tem um uso mais particular, e pode estar incluída em alguns itens como aquele referente à negação (*inũare*) e pode ocorrer juntamente com a partícula *pia*. Nos dados analisados obtivemos apenas uma ocorrência com a partícula *are* (exemplo 81), além daquelas em que ela aparece junto ao item de negação (ver tópico 5.1.4.3 deste capítulo). O uso dos sufixos e destas partículas é sempre pós-verbal, conforme se observa nos exemplos:

(81) Imã tẽrẽti xanãnĩre

i-mã tereti tʃ-ʒnʒ-nĩre

1-Dat açáí Rel-estar.delicioso-Enf
 O açáí está delicioso, mesmo!

(82) Aiku pry ita kaiririare

aiku prî ita kairiri-are
 PR estrada Dem ser.reta-Enf
 Esta estrada era reta, sim!

(83) Ikrã aiku tykti

i-krã aiku tik-ti
 1-cabelo PR ser.preto-Intens
 Teus cabelos eram muito pretos

(84) wa ikaprĩre

wa i-kaprĩ-re
 1 1-estar.triste-Aten
 Eu estou muito triste

Apesar de não se poder falar em exclusividade quantos aos contextos em que uma ou outra forma é usada, segundo Ferreira (2003), em alguns contextos com verbos S_o e verbos S_{io} observa-se uma preferência pela partícula *nĩre* ou pelo sufixo *-re*, enquanto em outros, em que há verbos ativos, verifica-se mais o uso do sufixo *-ti*.

Uma última característica a ser destacada, é a de que, diferentemente de nomes, os descritivos não ocorrem com o sufixo derivacional *-katê*.

(85) rɔp-kate

onça-Agt
 ‘caçador de onça’

5.1.1.2 Descritivos e os prefixos relacionais

Outro aspecto morfossintático que pode se mostrar produtivo, tanto com nomes quanto com verbos, é aquele em que há a ocorrência dos prefixos relacionais, os quais são muito comuns não só em Parkatêjê, como também em outras línguas da família Jê.

De acordo com Ferreira (2003), nomes e verbos ocorrem com esses elementos com formas fonéticas idênticas e funções paralelas, quanto ao aspecto morfossintático. No caso dos nomes inalienáveis, os prefixos relacionais marcam a relação entre possuidor e o nome possuído. Quanto aos verbos, estes elementos marcam, da mesma forma, a relação entre os argumentos e os verbos intransitivos descritivos ou transitivos na língua. O quadro 16, então, mostra a ocorrência dos prefixos relacionais com os verbos (Cf. FERREIRA, 2003, p. 102):

Classe A		Classe B
S _o , S _{io} e O especificados		S _o , S _{io} e O indefinidos
S _o , S _{io} e O expressos na locução verbal	S _o , S _{io} e O deslocados de sua posição original	
ʒ- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-
Referência a um S _o , S _{io} e O expressos dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um S _o , S _{io} e O conhecido pelo contexto ou deslocados para fora da locução verbal.	Referência a um S _o , S _{io} e O indefinidos.

Quadro 16: Prefixos relacionais com os verbos

Nos casos em que há ocorrência de prefixos relacionais da classe A idênticos formalmente ao da classe B, sua diferenciação se dá por meio do contexto. Têm-se, então, ocorrências dos prefixos relacionais com verbos transitivos, com verbos S_{io} e com verbos S_o, respectivamente:

(86) *h-itep* ~ *ʒ-itep* ‘cortar’

(87) *h-ape* ~ *y-ape* ‘ter.piedade/dó’

h-ën ~ *tʃ-ën* ‘achar (um alimento) saboroso’

h-ãñ ~ *tʃ-ãñ* ‘sentir dor’

(88) *h-ikot* ~ *ʒ-ikot* ‘estar inchado’

h-ukaprîn ~ *ʒ-ukaprîn* ‘ser.generoso’

Na coleta de dados elicitados especificamente para a elaboração da presente dissertação, obtivemos pares de exemplos de sentenças com os descritivos em que o tempo verbal foi o único índice de diferenciação entre eles. Todavia, o mesmo falante fez uso das duas formas do prefixo relacional, a saber: aquela que marca a presença do argumento e a que marca sua ausência ou elisão. No exemplo (89), observa-se o argumento *jõmrõ* presente e no exemplo (90) também, mas verifica-se as duas formas do relacional. O mesmo aconteceu com os exemplos (91) e (92).

(89) Mpo ita aiku jõmrõ xàrànrē

mpo	ita	aiku	ʒ-õ-mrõ	x-ʒnɜ-nĩɛ
Ind	Dem	PR	Rel-Pos-comida	Rel-estar.gostoso-Enf

Essa minha comida estava muito gostosa

(90) Mpo ita jõmrõ hàrànrē

mpo	ita	ʒ-õ-mrõ	h-ʒnɜ-nĩɛ
Ind	Dem	Rel-Pos-comida	Rel-estar.gostoso-Enf

Essa minha comida está muito gostosa

(91) Kormã ipar jikôtôti

kormã	i-par	ʒ-ikoto-ti
Incompl	1-pés	Rel-estar.inchado-Intens

Meus pés ainda estão inchados

(92) kê ka ipar apẽnã kormã hikôtôti

ke	ka	i-par	apẽnã	kormã	h-ikoto-ti
IRR	Fut	1-pés	amanhã	Incompl	Rel-estar.inchado-Intens

Meus pés ainda estarão inchados amanhã

Nesses casos têm-se a variação entre os prefixos relacionais *x* [tʃ] e *h*, em *xàrànrē* ~ *hàrànrē*, e entre os prefixos *j* [ʒ] e *h*, em *jikôtôti* ~ *hikôtôti*. Nos dois casos o *S_o* se encontra expresso no sintagma nominal, de forma que não é plausível explicar essas ocorrências com base no quadro 16. Uma hipótese que talvez pudesse ser levantada seria a de que estes prefixos relacionais estão variando em função do tempo na sentença, no entanto essa variação não é percebida em outros contextos. Outra

possibilidade seria explicar esses usos como relacionados a uma questão de mudança linguística em curso devido ao acelerado processo de obsolescência linguística, o que levaria o falante a hesitar quanto ao emprego dos prefixos relacionais.

5.1.2 Descritivos S_o e S_{io}

O sistema de marcação de caso diz respeito à forma pela qual a língua trata os papéis sintático-semânticos S – único argumento nominal de uma oração de um único argumento –, A – argumento mais propenso à agentividade – e O – argumento prototipicamente paciente em uma oração de dois argumentos – (Cf. DIXON, 1994).

De acordo com Ferreira (2003), os verbos intransitivos ativos e descritivos em Parkatêjê apresentam apenas um argumento nominal (S), assim, tem-se a seguinte subdivisão, proposta por Ferreira (2003): (i) verbos ativos S_a : aqueles que expressam ação propriamente dita, bem como movimento, descanso e posição; (ii) verbos descritivos, que se bifurcam em S_o e S_{io} , sendo os verbos S_o aqueles que denotam estados e/ou qualidades e os S_{io} aqueles que denotam necessidades fisiológicas e psicológicas.

Os verbos S_a , semanticamente expressam volição ou controle e ocorrem com os pronomes livres da língua, como os exemplos a seguir, presentes na tese de Ferreira (2003), demonstram:

(93) wa mũ mō tʃwa
 Eu ir banhar
 ‘...eu vou tomar banho...’

(94) ka mũ mō marabá wir mō
 Tu ir Marabá Dir ir
 ‘tu vais para Marabá’

Os verbos S_o , além de denotar estados ou qualidades, ocorrem como se prefixados pelos pronomes dependentes, bem como manifestam os prefixos relacionais, conforme Ferreira (2003). Apesar disso, obtive dados de alguns desses verbos ocorrendo tanto com pronomes dependentes quanto com pronomes livres, como ver-se-á com mais

detalhes no próximo tópico. Os descritivos S_o podem ser encontrados em sentenças como as listadas a seguir:

(95) Ikĩnĩnĩre

i-kĩnĩ-nĩre

1-ser.bonito-Enf

Eu sou bonito

(96) Ikrã tykti

i-krã tik-ti

1-cabelo preto-Intens

Meu cabelo é preto

(97) Kõtāj ita wati

kotāj ita wati

cupuaçu Dem estar.azedo

Este cupuaçu está azedo

(98) Rop krør ita nkrire

rɔp krør ita nkrire

onça pintada Dem pequeno

Esta onça pintada é pequena

Os verbos descritivos S_{io} ocorrem em geral com pronome dependente³¹ e têm seu sujeito pronominal dependente marcado pelo caso dativo, por meio da posposição *mã*. Dessa forma, o único argumento desses verbos recebe marcação não-canônica, conforme Ferreira (2003), podendo apresentar ocorrências distribuídas em três tipos de classes: (Ia) verbos de um lugar que expressam estados fisiológicos; (Ib) verbos de sentimentos e experiências psicológicas e (IIIa) verbos como ‘querer’, conforme o quadro mostra:

³¹ Há dados que mostram a co-ocorrência dos descritivos S_{io} com pronomes livres também, conforme se observa no exemplo (101).

Verbos S_{io}	
Ia	Verbo de estados fisiológicos
Ib	Verbos de sentimentos e experiências psicológicas
IIIa	Verbos como ‘querer’

Quadro 17: Tipos de verbos S_{io} existentes em Parkatêjê

Então, têm-se ocorrências como:

(99) Imã prãmti

i-mã prãm-ti

1-Dat estar.com.fome-Intens

Eu estou faminto

(100) Imã kôrôti

i-mã koro-ti

1-Dat estar.com.sede-Intens

Eu estou sedento

(101) Wa aiku imã kry

wa aiku i-mã kri

1 PR 1-Dat estar.com.frio

Eu estava com frio

Conforme Ferreira (2003, p. 161), “a marcação com mã indicaria estado temporário” em verbos descritivos S_{io} ao mesmo tempo em que marca o dativo. Em descritivos S_o não se tem, até onde se pôde verificar, marca alguma após o sintagma nominal ou pronome, desse modo essa é uma característica que os diferencia.

5.1.3 Descritivos e o sistema pronominal

A língua Parkatêjê apresenta um sistema pronominal com distribuição peculiar. Há duas séries de pronomes pessoais, uma que diz respeito aos pronomes livres e outra

referente aos pronomes dependentes, conforme se pode observar no quadro abaixo proposto por Ferreira (2003, p. 61):

Pronomes livres			Pronomes dependentes
1 ^a	Singular		wa / pa
	Dual		ku
	Pl.	Dual	ku... mẽ
	Pl.	Incl.	mpa
		Excl.	wa... mẽ
2 ^a	Singular		ka
	Plural		ka... mẽ

Quadro 18: Pronomes livres e dependentes

Estas séries de pronomes podem ser distribuídas de acordo com suas funções sintáticas. Em geral, os pronomes que ocorrem com os verbos ativos são os livres e os que ocorrem com os descritivos, assim como com nomes, são os dependentes, conforme se observa no paradigma do verbo *mpej* ‘ser bom’ (Cf. FERREIRA, 2003, p. 186):

(102) i-	mpej	‘eu sou bom’
a-	mpej	‘tu és bom’
ku-	mpej	‘nós (dois) somos bons’
ku mẽ-	mpej	‘nós (poucos) somos bons’
wa...mẽ-	mpej	‘nós (excl.) somos bons’
mpa-	mpej	‘nós (incl.) somos bons’
ka...mẽ-	mpej	‘vocês são bons’

Temos observado, contudo, a partir dos dados coletados, que os descritivos podem ocorrer com os pronomes dependentes (exemplo 103), com os pronomes livres (exemplos 104 e 105), à semelhança dos verbos ativos, ou pode haver a co-ocorrência de pronomes livres e dependentes (exemplos 106 a 108), em que há uma relação de concordância, como se verifica nos exemplos respectivamente:

(103) ijikôtôti

i-3-ikoto-ti

1-Rel-ser.gordo-Intens

Eu sou gordo

(104) ka pê aiku tepa inũare

ka pe aiku tepa inũare

2 pe PR ser.medroso Neg

Tu não eras medroso antes

(105) wa kahàkare

wa kahàk-are

1 estar.feio-Enf

Eu estava feio

(106) wa iprêkêre

wa i-preke-re

1 1-ser.velho-Aten

Eu sou velho

(107) wa pê aiku inkrire

wa pe aiku i-nkrire

1 pe PR 1-pequeno

Eu era pequeno

(108) ka mẽ akyti

ka mẽ a-kiti

2 Pl 2-ser.grande

Vocês são grandes

De acordo com Alves (2004, p. 106) esse fato também ocorre em Apãniekrá, no sistema nominativo-absolutivo, em que há construções com

o verbo em sua forma não finita quando seguido de um operador que codifica categorias de aspecto e polaridade (o qual é indicado lexicalmente pelo uso de alguns verbos não-ativos (muito, pouco, ‘bem’, ‘mal’, negação etc)). Nessas construções, o ‘sujeito’ intransitivo é marcado pleonasticamente (expresso por um pronome livre juntamente com uma marca de concordância no verbo (expresso pelo prefixo pronominal).

Somente ocorre este tipo de construção quando há marcas de tempo e/ou aspecto nas sentenças, de acordo com a referida autora. Em Parkatêjê, ocorrências com sujeito pleonástico são atestadas mesmo se não houver partículas temporais. Desse modo, consideramos possível o uso de pronomes livres com os verbos descritivos em determinados contextos, tais como os apresentados nos exemplos (104) a (108), no entanto, isso não exclui o uso predominante do pronome dependente.

5.1.4 Aspectos morfossintáticos

Nesta seção serão apresentadas as propriedades morfossintáticas que ocorrem com os descritivos na língua Parkatêjê.

5.1.4.1 Tempo

Os descritivos assim como os verbos ativos em Parkatêjê podem receber marcas de tempo. Do mesmo modo que com os ativos esses elementos não ocorrem unidos ao descritivo, mas sim como partículas ou mesmo itens lexicais que estão presentes na construção sentencial, à semelhança de outras línguas Jê. Nos dados coletados observamos a ocorrência de tais partículas geralmente em segunda posição, após o primeiro argumento, e em algumas sentenças *aiku* ocorreu no início da oração, antes do sujeito, como observa-se nos exemplos abaixo, respectivamente:

(109) Wa pê aiku ikĩnĩnĩre

wa pe aiku i-kĩnĩ-nĩre

1 pe PR 1-ser.bonito-Enf

Eu era muito bonito

(110) Aiku akrã tykre nã ry akrã jakare

Aiku a-krã tyk-re nã ri a-krã jakare

PR 2-cabelo ser.preto-Intens SS já 2-cabelo ser.branco
 Teus cabelos eram pretos e já estão brancos

A partícula *aiku*, presente nos exemplos elencados, é uma marca do tempo passado remoto. De acordo com Ferreira (2003), na língua existem construções morfossintáticas distintas para o tempo passado recente e o passado remoto com verbos intransitivos ativos:

Há, pelo menos, dois tempos passados na língua, um recente e outro remoto. O passado recente combinado com o aspecto perfectivo em orações com verbos intransitivos ativos não tem marca explícita, isto é, não há partículas específicas a eles relacionadas. O reconhecimento de tal tempo e aspecto, nesse caso, dá-se pelas formas dos verbos, conforme foi dito anteriormente. A forma longa do verbo marca a ocorrência do tempo passado recente e do aspecto perfectivo. [...] Em Parkatêjê, eu acredito, porém, que o tempo passado remoto é marcado pela partícula *aiku*. (FERREIRA, 2003. p. 118)

Nos exemplos a seguir constatamos que a semântica das sentenças refere-se a algo passageiro e não duradouro, além disso, a distinção semântica entre passado recente e remoto, indicado por Ferreira (2003), para os verbos intransitivos ativos, parece estar condicionada ao aparecimento ou não de *aiku* nas construções descritivas em questão. Desse modo, concordamos com a referida autora sobre o fato de que *aiku* é uma partícula que expressa tempo passado.

(111) a. *ijikôtôti*

i-ʒ-ikoto-ti

1-Rel-ser.gordo-Intens

Eu sou gordo

b. *Wa pê aiku ijikôtôti*

wa pe aiku i-ʒ-ikoto-ti

1 pe PR 1-Rel-ser.gordo-Intens

Eu era gordo

(112) a. *Mpo ita jömrõ hànànĩre*

mpɔ ita ʒ-õ-mrõ h-ʒnɜ-nĩɛ
 Ind Dem Rel-Pos-comida Rel-estar.gostoso-Enf
 Essa minha comida está muito gostosa

b. Mpo ita aiku jõmrõ xànãĩre

mpɔ ita aiku ʒ-õ-mrõ x-ʒnɜ-nĩɛ
 Ind Dem PR Rel-Pos-comida Rel-estar.gostoso-Enf
 Essa minha comida estava muito gostosa

(113) a. Rop krɔr ita nkrĩɛ

rɔp krɔr ita nkrĩɛ
 onça pintada Dem pequeno
 Esta onça pintada é pequena

b. Rop krɔr pê nare aiku nkrĩɛ

rɔp krɔr pe nare aiku nkrĩɛ
 onça pintada PD Enf PR ser.pequeno
 A onça pintada era muito pequena

(114) a. Mẽ ijõtõ mẽ kaprĩre

mẽ i-ʒ-õ-tõ mẽ kaprĩ-re
 Pl 1-Rel-Pos-irmão Pl estar.triste-Aten
 Meus irmãos estão muito tristes

b. Mẽ ijõtõ aiku mẽ kaprĩre

mẽ i-ʒ-õ-tõ aiku mẽ kaprĩ-re
 Pl 1-Rel-Pos-irmão PR Pl estar.triste-Aten
 Meus irmãos estavam muito tristes

Em algumas sentenças, anteriormente elencadas, observamos uma outra partícula co-ocorrendo com *aiku*, a partícula *pê*. Em Canela-Krahô, Popjes e Popjes (1986) consideram que a partícula *pê*, unida à forma curta do verbo, marca o tempo passado distante na referida língua. Em outros contextos, essa partícula pode funcionar como cópula, como os exemplos demonstram, respectivamente:

(115) Pê wa i-pym, pê inxê ty
 PAS 1 1-descer, PAS mãe morrer
 ‘Minha mãe morreu quando eu nasci’

(116) i-pê capi
 1-COP Capi
 ‘Eu sou Capi’

Do mesmo modo, em Apãniekrá têm-se a partícula *pê*, a qual pode funcionar como cópula³², quando indica relação entre um predicado nominal (ou um adjetivo) e um nominal (ou prefixo pronominal), conforme Alves (2004), ou como uma partícula de tempo que marca o passado distante, nesse caso aparece sempre em primeira posição, isto é, no início da sentença.

(117) mẽ= pa-pe iʔ-ŋkrer -kate
 PL= 1incl-COP 3-cantar.NF-NMZ
 ‘nós somos cantadores’

(118) pe i-mã kri
 PD 1-DAT sentir.frio
 ‘eu senti frio’

Uma característica bastante comum em línguas humanas é a homofonia que se manifesta fazendo com que haja elementos gramaticais com forma idêntica, mas com significado e ocorrências distintas, este parece ser o caso de *pê* na língua Parkatêjê. Desse modo, Ferreira (2003) considerou uma das ocorrências da partícula *pê* como marca de discurso, nesse sentido, geralmente, a partícula *pê* vem acompanhada da partícula dubitativa *pia*, e constitui-se um termo “reportativo” em textos míticos antigos, ocorrendo geralmente no início da oração. Outra ocorrência, conforme Ferreira (2003,

³² “Em Apãniekrá, a cópula segue o ‘sujeito’ da oração não-verbal, o qual pode ser expresso por um SN ou por um prefixo pronominal”. (ALVES, 2004, p. 88)

p. 135), seria como uma posposição ablativa, estas duas situações podem ser observadas nos seguintes exemplos³³:

(119) pe pia mĩti kãm amzi y-arẽn: Ituware, wa ka
 PD DUB jacaré Posp Refl Rel-dizer. Voc eu Fut
 a-krẽ inũare i- kupa inũare
 2-comer Neg 1- ter.medo Neg
 ‘Dizem que o jacaré mesmo disse: sobrinho, eu não vou te comer,
 não tem medo de mim’

(120) mõi pe mama mẽ aikrepoti
 Evi Posp antes Pl casa.grande
 ‘Provavelmente antes eles (roçaram o terreno para) fazer a casa grande’

Todavia, nos dados coletados especificamente para a presente dissertação, temos verificado que há outro marcador *pê* que, aparentemente, está relacionado ao tempo passado. Conforme se pode verificar nos exemplos a seguir, oriundos de um texto sobre a guerra³⁴ e de elicitções³⁵, há ocorrências dessa partícula não somente com descritivos, em sentenças que apresentam tempo passado, mas também com verbos ativos:

(121) wa pê kormã jakrý inõre
 wa pe kormã jakrø inõre
 1 PAS Incomp crescer Neg
 ‘eu ainda não tinha crescido’

(122) wa pê kitare kormã mẽ kãmpar
 wa pe kitare kormã mẽ kãmpar
 1 PAS Valid Incomp 3Pl ouvir.PAS
 ‘eu ainda os ouvi’

³³ FERREIRA, 2003, p. 133 e 136.

³⁴ Coletado pela profa. Marília Ferreira e por ela transcrito em 2009 (exemplos 121-125; 128-132).

³⁵ Os dados elicitados compõem um conjunto de sentenças com ocorrências de descritivos no tempo passado, coletadas e transcritas pela autora da presente dissertação em 2015 (exemplos 126-127; 133).

(123) mēikwỳ pê mamkatêjê

mēikwə pe mamkateze

parentes PAS povo.antigo

‘meus parentes eram do povo antigo’

(124) wa pê kupê ta wỳr ijikato

wa pe kupê ta wər i-ʒ-ikato

1 PAS não-índio Dem Dir 1-Rel-aparecer

‘eu apareci para aquele não-índio’ *lit.* ‘eu apareci na direção daquele não-índio’

(125) wa pê ijikato nã amãr Praia Alta kãm

wa pe i-ʒ-ikato nã amãr Praia Alta kãm

1 PAS 1-Rel-aparecer SS permanecer Praia Alta Loc

‘eu apareci e fiquei na Praia Alta’

(126) wa pê ihire

wa pe i-hire

1 PAS 1-ser.magro

Eu era magro

(127) wa pê inkryk inũare

wa pe i-nkrik inũare

1 PAS 1-zangado Neg

Eu não estava zangado

(128) mēikwỳ aiku mẽ hitỳire

mēikwə aiku mẽ hitaire

parentes PR Pl ser.forte

‘só a minha família que ganhava as guerras’ *lit.* ‘meus parentes eram fortes’

(129) kupê kôt aiku mẽ to chefe nã

kupê kot aiku mẽ to chefe nã

não-índio Posp PR Pl Caus chefe chamar

‘os não-índios chamavam “chefe”’

(130) kupẽ fala respeita wa pa aiku mũ amji mã anẽ jarkwa

kupẽ	fala	respeita	wa	pa	aiku	mũ	amzi	mã
não-índio	fala	respeita	1	1Enf	PR	Dir	Refl	Posp

anẽ	i-arkwa
também	1-língua

‘o não-índio fala respeita, eu mesmo, em minha língua, [falava] *amji mã anẽ*’

(131) jarkwa nã mũ tapa kormã tapa amũ tojapak tãjti kormã aiku mẽkakôk

i-arkwa	nã	mũ	tapa	kormã	tapa	amũ	tojapak
1-língua	Posp	Dir	esquecer	Incomp	esquecer	sempre	lembrar

tãiti	kormã	aiku	mẽ	kakok
bem	Incomp	PR	Pl	minha.fala

‘a minha língua eu ainda não esqueci, lembro bem sempre, ainda lembro da minha fala’

(132) mamkatêjê nã aiku mẽ aipên to nã amji jarẽ wa pê kitare aiku mẽ kãmpa

mamkateje	nã	aiku	mẽ	aipên	to	nã	amzi	jarẽ
povo.antigo	Posp	PR	3Pl	Rec	Caus	nã	Refl	contar

wa	pe	kitare	aiku	mẽ	kãmpa
1	pe	Valid	PR	3Pl	ouvir

‘o meu povo antigo contava [histórias] uns para os outros e eu [conto] o que ouvi deles’

(133) ka pê aiku tepa inũare
 ka pe aiku tepa inũare
 2 pe PR ser.medroso Neg
 Tu não eras medroso

Embora tenhamos buscado diferenciar as ocorrências de *pê* e de *aiku*, esta distinção ainda não está clara, conforme se pode verificar nos dados. De (121) a (127), há sentenças que contém apenas a ocorrência de *pê*, nas quais verificamos que este geralmente precede o sujeito, seja este preenchido por um pronome livre ou por um nome. No conjunto de dados de (128) a (131), há sentenças que contém apenas o *aiku*, o qual foi analisado por Ferreira (2003, p. 132) como marca de passado remoto, conforme foi dito anteriormente. A partícula *aiku* ocorre independentemente de *pê* estar ou não presente na sentença, o inverso também é possível, isto é, a partícula *pê* ocorre sem *aiku* em muitos dados, mas sempre após o pronome livre. E nos exemplos (132) e (133) temos ocorrências em que aparecem tanto *pê*, quanto *aiku*, no mesmo contexto. Portanto, não foi possível definir ainda se *pê* é uma marca de tempo passado também ou se se trata de aspecto, por exemplo. Como o escopo da presente dissertação vincula-se à descrição do comportamento de descritivos, essa questão ficará em aberto para uma investigação mais aprofundada que possa confirmar o status de *aiku* e definir o status de *pê*. Por ora, podemos afirmar que esses elementos não ocorrem especificamente com descritivos.

No que diz respeito ao tempo presente, os dados mostram que a marcação é \emptyset , conforme Ferreira (2003) aponta para os verbos de uma forma geral. Nos exemplos, a seguir, têm-se verbos intransitivos descritivos no tempo presente, elencados de acordo com três características de ordem semântica e morfossintática: (i) função predicativa ou atributiva, (ii) sujeito (pronome ou sintagma nominal - SN) e (iii) estado duradouro ou passageiro.

a. Descritivo em função predicativa, estado duradouro, iniciando com pronome

(134) Ikĩnĩnõre
 i-kĩnĩ-nõre
 1-ser.bonito-Neg
 Eu sou feio *lit.* Eu não sou bonito

b. Descritivo em função predicativa, estado passageiro, iniciando com pronome

(135) Mẽ hikotonĩre

Ø mẽ h-ikoto-nĩre

3 Pl Rel-estar.gordo-Enf

Eles estão gordos

c. Descritivo em função predicativa, estado passageiro, iniciando com SN

(136) Mẽ ijõtõ mẽ kaprĩre

mẽ i-3-õ-tõ mẽ kaprĩ-re

Pl 1-Rel-Pos-irmão Pl estar.triste-Aten

Meus irmãos estão tristes

d. Descritivo em função predicativa, estado duradouro, iniciando com SN

(137) Pàr kyipê

pər kĩipe

árvore ser.áspera

A árvore é áspera

e. Descritivo em função atributiva, estado passageiro, iniciando com SN

(138) Pàr tũmre hõ kràre

pər tũm-re hõ krɜ-re

árvore ser.velho-Aten folha estar.seco-Aten

A árvore velha está com folhas secas

Por meio destes exemplos e dos demais dados que obtivemos de uma forma geral, percebe-se que, independentemente da função que o descritivo desempenhe, seja atributiva ou predicativa, ele não apresentará partículas temporais. Se a sentença estiver no plural, como em (135) e (136), há em geral o acréscimo do formativo *mẽ*. Em alguns casos o falante incluiu a partícula *pa* (exemplo 139) ou substituiu a forma *wa* por *pa*,

como em (140), a qual, segundo Ferreira (2003, p. 62), trata-se de uma forma enfática, referente à primeira pessoa do singular.

(139) Wa pa iteryti

wa pa i-teri-ti
1 1Enf 1-ser.alto-Intens
Eu sou alto

(140) Pa inkrire

pa i-nkrire
1Enf 1-ser.pequeno
Eu sou pequeno

O tempo futuro, por sua vez, é marcado pela partícula *ka*, de acordo com Ferreira (2003, p. 119):

(141) wa ka pika pe nō hō
Eu Fut terra Loc deitar dormir
'eu vou dormir no chão'

Esta partícula ocorre geralmente após o pronome ou sintagma nominal tanto com verbos ativos quanto com descritivos, como se verifica nos seguintes exemplos:

(142) Apẽnã ka ka mamji jakry

apẽnã ka ka m-amzi jakri
amanhã 2 Fut Pl-Refl estar.alegre
Vocês estarão alegres amanhã

(143) Kê ka mẽ kôtài ita krẽ inũare kê ka wati

ke ka mẽ kotzi ita krẽ inũare ke ka wati
IRR Fut mẽ cupuaçu Dem comer Neg IRR Fut estar.azedo
Este cupuaçu estará azedo (se não comer logo)

(144) Kê ka apẽnã kô tam

ke ka apẽnã kô tam
 IRR Fut amanhã rio estar.cheio
 O rio estará cheio amanhã

Há também contextos em que itens lexicais que cumprem o papel de expressar noções temporais nas sentenças descritivas, tal como *apẽnã*, co-ocorrem com a partícula de tempo (exemplos 142 e 144), mas em outros contextos podem, ainda, ocorrer sem ela, sendo estes por si mesmos indicadores do tempo verbal, conforme o exemplo a seguir mostra:

(145) Apẽnã têrêti xànanĩre

apẽnã tereti tʃ-3n3-nĩre
 amanhã açai Rel-estar.delicioso-Enf
 O açai estará delicioso amanhã

Este fato também ocorre no tempo passado, conforme Araújo (1989, p. 54, 55), no caso “em que a noção de passado já está expressa pelo temporal e o aspecto não vem ao caso, a marca é apagada. Note-se que um temporal relativo a fato hodierno não leva ao desaparecimento da partícula *te*”. Ferreira (2003, p. 116) afirma que, em algumas orações contendo verbos ativos, “as partículas podem ser omitidas [...] e a identificação do tempo em relação ao momento da enunciação pode ser feita pelo contexto ou pelas palavras adverbiais”, as quais podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Adverbial	Glossa
nõ kãm	‘ontem’
apẽ nõ	‘amanhã’
ita kãm	‘hoje’
aikati	dia
aikapẽ	noite

kokrën	cedo
mama	antes

Quadro 19: Advérbios temporais

Nas sentenças (146) e (147) notamos que os adverbiais de tempo também podem ocorrer com verbos intransitivos descritivos nos tempos passado e presente, respectivamente:

(146) Nōkām ijimoto

nōkām i-ʒ-irɔtɔ

Ontem 1-Rel-estar.fraco

Eu estava com fome ontem *lit.* Ontem eu estava fraco

(147) Wa ita kām ikapĩre

wa ita kām i-kapĩrɛ

1 hoje 1-estar.triste-Aten

Eu estou triste hoje

Dessa forma, pudemos constatar que as partículas e advérbios que marcam a temporalidade em verbos ativos na língua Parkatêjê também ocorrem em diversos contextos com os descritivos, ainda que, com algumas peculiaridades, confirmando o status verbal destes itens lexicais.

5.1.4.2 Aspecto

Em Parkatêjê há, até o presente momento, descritas, nove partículas que marcam o aspecto em verbos ativos, de acordo com Ferreira (2003), as quais podem ocorrer combinadas ou não com as marcas de tempo (ver quadro 20). “Algumas vezes é possível identificar somente as partículas de aspecto nas orações e, a partir do conjunto, ou do contexto ou da própria oração, inferir a referência temporal que está sendo feita” (FERREIRA, 2003, p. 120). Estas partículas marcam o aspecto: continuativo, não-

completado, de ‘ação recentemente completada’, completivo, perdurativo, iterativo, potencial, frustrativo e final.

Partículas de tempo →		Passado		Presente	Futuro
		rmt	rct		
Partículas de aspecto ↓		aiku	Ø	Ø	ka
Continuativo	apu	√	√	√	
Potencial	hã ~ ha				√
Incompleto	kormã			√	
Frustrativo	apte	√	√		
Iterativo	apiri reduplicação de raízes verbais	√	√	√	
Completada	Ø	√	√	√	
Completação recente	kurmã		√		
Perdurativo	tīm...nã	√	√	√	
Final	hi		√		

Quadro 20: Combinação das partículas de tempo e aspecto

O aspecto continuativo é marcado pela partícula *apu* nos verbos ativos segundo Ferreira (2003). Com os verbos descritivos obtivemos uma sentença com a partícula *apu*, a qual está precedendo o descritivo. Nos exemplos a seguir têm-se, então, um verbo ativo³⁶ e um descritivo, respectivamente:

³⁶ FERREIRA, 2003, p. 120.

(148) Apu awry
 Cont chover
 ‘está chovendo’

(149) Ite tapu ipāk
 i-tɛ t-apu i-pāk
 1-Erg t-Cont 1-estar.sujo
 Eu [continuava] sujo

A partícula *kormã* marca o aspecto não-completivo em Parkatêjê e expressa o sentido de ‘ainda’. Esta partícula está presente em sentenças que apresentam uma situação em processo de ser completada. Nos dados analisados encontramos essa partícula ocorrendo com os verbos intransitivos descritivos em diversos contextos e tempos, conforme os exemplos mostram a seguir:

a. Passado

(150) Nōkām ipar kormã ijikôtôti
 Nōkām i-par kormã i-ʒ-ikoto-ti
 ontem 1-pé Incompl 1-Rel-estar.inchado-Intens
 Meus pés ainda estavam inchados ontem

(151) Kōkôirore kryire kormã kaikritire
 kokoirɔ-re kriire kormã kaikriti-re
 macaco-Dim kriire Incompl ser.leve-Aten
 Os macacos pequenos ainda eram leves

b. Presente

(152) Pyti kormã tymti
 piti kormã tim-ti
 rio Incompl estar.cheio-Intens
 O rio ainda está cheio

(153) Pypxô kormã hô tykti

pìptʃo kormã hotik-ti
 banana Incompl estar.duro-Intens
 A banana ainda está dura

c. Futuro

(154) Kê ka ipar apẽnã kormã hikôtôti

ke ka i-par apẽnã kormã h-ikoto-ti
 IRR Fut 1-pé amanhã Incompl Rel-estar.inchado-Intens
 Meus pés ainda estarão inchados (amanhã)

(155) Kormã kê ka kô mã kakro mã

kormã ke ka kô mã kakro mã
 Incompl IRR Fut água Dat estar.quente mã
 A água ainda estará quente

O aspecto frustrativo é marcado pela partícula *apte*. Nas construções contendo verbos ativos, de acordo com Ferreira (2003, p. 123, 124), essa partícula “indica uma ação que não aconteceu devido a algum impedimento para a sua realização. Algumas vezes, em português, fica bem traduzida pelo imperfeito do verbo querer ‘quereria’ bem como por ‘quase’.” Nas sentenças coletadas com descritivos obtivemos as seguintes ocorrências contendo esta partícula, com verbos S_o e S_{io} , respectivamente, além disso, essa partícula também pode ser verificada em um exemplo da narrativa *Pyt mē kaxêr* ‘sol e lua’³⁷, contendo o descritivo S_o *amji jakry*:

(156) Wa apte amji jakry

wa apte amji zakri
 1 Frus Repl estar.animado
 Eu [quereria] me animar

³⁷ FERREIRA, 2003, p. 262 - Anexo (Exemplo 158).

(157) Wa apte imã prãm nĩre

wa apte i-mã prãm -nĩre

1 Frustr 1-Dat estar.com.fome -Enf

Eu [quereria] estar com fome

(158) pe pia pĩt aiku apte amziyakre nã kãm kaka

PD Dub sol PR Frustr Refl.ser.alegre SS Posp não.querer

‘Diz que o Sol até poderia se alegrar, mas não quis (mais)’

Por meio dos exemplos é possível notar que a partícula de aspecto frustrativo *apte* ocorreu somente nos contextos em que o tempo expresso era passado e, em geral, após o sujeito da sentença, à semelhança do que ocorre com os verbos ativos.

O aspecto completivo, conforme Ferreira (2003), diferentemente dos demais aspectos, não possui uma marcação explícita, logo, sua marca parece ser \emptyset , que, em oposição às outras ocorrências, assume seu significado. Em sentenças com verbos ativos este aspecto pode ser evidenciado pela forma longa destes, além do contexto de ocorrência. Em sentenças descritivas ocorre de forma semelhante, contudo, em alguns contextos a partícula *ry* parece marcar esse aspecto, como se observa no exemplo abaixo:

(159) Ijõkêti ry hire to mõ

i-3-õ-ke-ti ri hire to mõ

1-Rel-Pos-tio já estar.magro Caus ir

Meu tio já está magro

Os demais aspectos existentes na língua, tais como (i) aspecto de ‘ação recentemente completada’: marcado pela partícula *kurmã*; (ii) aspecto perdurativo: indica que o sujeito permanece em uma dada situação com frequência, é marcado por partículas descontínuas (*tym ... nã*), no entanto, em alguns casos, segundo Ferreira (2003), ocorre apenas a marca *tym*; e (iii) aspecto iterativo: indica uma ação que se repete e é marcado pela partícula *apiri*, ainda não foi possível investigar co-ocorrendo com os verbos descritivos.

5.1.4.3 Modo

As marcas de modo podem ser de duas ordens em Parkatêjê, uma que diz respeito à negação e outra relativa ao imperativo, segundo Ferreira (2003). A negação é marcada pela partícula *inũare*, que tem como variantes as formas *inõre* e *nõre*, conforme a referida autora, *are* seria uma partícula de ênfase ligada, na grande maioria das vezes, as formas *inũ/inõ/nõ*.

A partícula de negação tem uma ocorrência restrita, aparecendo sempre em posição pós-verbal. Essa partícula não ocorre com os pronomes livres nem com os presos, tampouco aparece em orações existenciais. Pode ocorrer com nomes e com verbos ativos e não-ativos, S_o ou S_{io} , bem como com as partículas de tempo e aspecto combinadas entre si [...]. (FERREIRA, 2003, p. 129)

De fato, podemos constatar, nas construções descritivas, essa partícula ocorrendo em todos os tempos verbais e sempre no final da sentença:

(160) Wa pê inkryk inũare

wa	pe	i-nkrik	inũare
1	PAS	1-estar.zangado	Neg

Eu não estava zangado

(161) Ka pê aiku tepa inũare

ka	pe	aiku	tepa	inũare
2	pe	PR	ser.medroso	Neg

Tu não eras medroso antes

(162) Atepati inũare

a-tepa-ti	inũare
2-ser.medroso-Intens	Neg

Tu não és medroso

(163) Imã amjikĩn inũare

i-mã	amjikĩn	inũare
1-Dat	estar.alegre	Neg

Eu não estava alegre

O modo imperativo, por sua vez, pode ser expresso de três maneiras: imperativo, exortativo e rogativo, sendo que cada uma apresenta construções morfossintáticas ou partículas diferenciadas. Segundo Ferreira (2003) a primeira forma, a imperativa, apresenta em sua estrutura, basicamente, o pronome dependente de segunda pessoa singular ou plural precedendo o verbo. Além disso, nesse contexto, exclui-se o falante da ação expressa pelo verbo. Algumas construções descritivas no modo imperativo podem ser observadas a seguir:

(164) Amji kaprĩ inũare

amji kaprĩ inũare

Refl ser.triste Neg

Não fica triste!

(165) Ajõxà inũare

a-ʒ-õʃʒ inũare

2-Rel-ser.mau Neg

Não sejam maus!

(166) Ka hityiti

ka h-itii-ti

2 Rel-ser.corajoso-Intens

Sejam corajosos!

Nas ocorrências anteriormente elencadas, percebe-se que não há uma partícula específica para este tipo de imperativo. As sentenças exortativas, por outro lado, são marcadas pela partícula *ma*, a qual ocorre antes da raiz verbal, segundo Ferreira (2003), trata-se de uma partícula “convitativo-interrogativa”. Por meio desta é possível também realizar um convite ao ouvinte, para que ele pratique a ação descrita pelo verbo, bem como incluir a pessoa que enuncia a oração. Esta partícula foi encontrada em um dado³⁸

³⁸ FREITAS, 2008, p. v (apêndice).

em que o descritivo *tykre* está modificando o nome *ko*, formando, assim, o composto *kotykre* ‘café’ *lit.* água.ser.escuro:

- (167) Airəm, ma ku kotikre kwə tɔikõ
 NPr Exort Du café Quant beber
 ‘Airom, vamos tomar um pouco de café?’

O rogativo, por sua vez, é marcado pela partícula *mũ*, tanto em verbos ativos quanto em não-ativos parece atenuar o pedido ou ordem dada, quando aparece em primeira posição na sentença. O exemplo a seguir encontra-se na tese de Ferreira (2003, p. 130) e corresponde a um verbo descritivo:

- (168) Mũ a- nkryk inũare
 Rog 2 estar.zangado Neg
 ‘não fica zangado’

Essa partícula, no entanto, pode ocorrer em inúmeros outros contextos. Além de funcionar como uma marca de rogativo e ocorrer tanto com verbos ativos quanto com não-ativos, a partícula *mũ* “pode ocorrer nos sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo, ocorrências evidenciadas pelas formas estendidas e não-estendidas dos verbos” (FERREIRA, 2003, p. 132). Foi possível observar a partícula *mũ* nas sentenças descritivas, confirmando a multiplicidade de ocorrências dessa partícula:

a. Posição inicial

- (169) Mũ amēhỳ
 mũ amēhə
 mũ estar.doente
 Eles estavam doentes

- (170) Mũ akrã tyk nã kĩn
 mũ a-krã tik nã kĩn
 mũ 2-cabelo ser.preto SS ser.bonito
 Teus cabelos pretos estão bonitos

b. Posição Medial

(171) Wa mũ ikĩnĩnõre

wa mũ i-kĩnĩ-nõre

1 mũ 1-estar.bonito-Neg

Eu estava feio

(172) Kôjkwa kurom kakrã mũ ma apu kôt aipipàn

koikwa kurɔm kakrã mũ ma apu kot aipipɔn

céu azul nuvem mũ ma Cont kot aipipɔn

O céu azul está cheio de nuvens

(173) Airõnã ka ka mũ mẽ nõ, wa ka ikaprĩre apẽnã

airõnã ka ka mũ mẽ mõ wa ka i-kaprĩ-re apẽnã

logo 2 Fut mũ Pl ir 1 Fut 1-estar.triste-Aten amanhã

Vocês irão embora logo, eu vou ficar triste amanhã

c. Posição final

(174) Wa jikoto to mũ

wa ʒ-ikoto to mũ

1 Rel-estar.gordo Caus mũ

Eu estava engordando

Com base nos dados, consideramos a hipótese de que a partícula *mũ* pode funcionar, em alguns contextos, como um marcador discursivo. Além disso, os exemplos presentes no tópico (a) parecem indicar que esta partícula pode ocorrer em primeira posição nas sentenças descritivas, sem necessariamente indicar imperativo rogativo, contudo, é preciso investigar essa partícula mais detalhadamente.

Além da negação e do imperativo, foi encontrado um terceiro modo nos dados coletados especificamente para a presente pesquisa: o modo irrealis. Este modo ocorre também em outras línguas Jê, tal como Panará. De acordo com Dourado (2001, p. 29)

a categoria gramaticalizada de modo em Panará, orientada para o falante (speaker-oriented), expressa em que medida esse deseja asseverar ou não a verdade da proposição no que se refere ao que é fato ou não-fato. Distingue formalmente modo realis de modo irrealis, isto é, entre eventos como ocorrendo ou não ocorrendo no mundo real [...]. Verifica-se que o modo irrealis é sistematicamente marcado, ao passo que o realis por vezes não o é.

Em Parkatêjê, observamos que o modo irrealis é marcado pela partícula *kê* para os descritivos e que há ocorrências desse tipo apenas no tempo futuro. Por outro lado, não há, entre os dados analisados, sentenças com essa partícula co-ocorrendo com a primeira e segunda pessoa do singular. Além disso, esta partícula aparece geralmente em primeira posição, isto é, antes da partícula de futuro *ka*, como os exemplos (175) e (176) demonstram:

(175) *kê ka mẽ kôtài ita krê inũare kê ka wati*

ke ka mẽ kotzi ita krê inũare ke ka wati
IRR Fut mẽ cupuaçu Dem comer Neg IRR Fut estar.azedo
Este cupuaçu estará azedo (se não comer logo)

(176) *kê ka ipar apẽnã kormã hikôtôti*

ke ka i-par apẽnã kormã h-ikoto-ti
IRR Fut 1-pés amanhã Incompl Rel-estar.inchado-Intens
Meus pés ainda estarão inchados amanhã

Consideramos a hipótese de que, o modo irrealis também pode ocorrer com os outros verbos da língua e que, o modo realis, teria marcação \emptyset e ocorreria nos outros tempos verbais, isto é, passado e presente, já que nestes a partícula *kê* parece não se fazer presente, no que se refere aos dados com descritivos.

5.1.4.4 Construções comparativas

Araújo (1989, p. 64), ao tratar das estruturas de comparação em Parkatêjê, comenta que “até onde é possível a um falante não nativo afirmar, o Gavião-Jê não constrói frases comparativas de desigualdade”. Obtivemos alguns dados que mostram

que construções comparativas são possíveis na língua, tanto as de inferioridade e superioridade quanto as de igualdade, como se observa nos exemplos a seguir:

(177) Pô ajũkitiare mã kita pàraxôhy kita

po	ajũkiti-are	mã	kita	pəratʃohi	kita
palha	ser.valioso-Enf	DS	Valid	castanha	Valid

A palha é menos valiosa do que um saco de castanhas

(178) Āhãre kinĩnõre nkrirẽ mã kita oroprẽp-ti kĩnĩnõre

ãhãre	kinĩ-nõre	nkrirẽ	mã	kita	oroprẽp-ti	kĩnĩ-nõre
galo	ser.bonito-Neg	pequeno	DS	Valid	sapo-Aum	ser.bonito-Neg

Um galo é menos feio do que o sapo

(179) Hàkti kita hupêti mã iaxy hupêkêtere

hək-ti	kita	hupe-ti	mã	iatʃi	hupe	ketere
gavião-Aum	Valid	rápido-Aum	DS	veado	rápido	ketere

Aquele gavião é tão rápido quanto um veado

(180) Rop ita kaprĩre mã kita rop prupruire kita hupêti nã

rɔp	ita	kaprĩ-re	mã	kita	rɔp	prupruire
cachorro	Dem	ser.triste-Aten	DS	Valid	cachorro	gato-Dim

kita hupe-ti nã

Valid hupe-Aum nã

Este cachorro é tão triste quanto um gato

(181) Tamri hupêti mã krôkrôkti hupê inũare

tamri	hupe-ti	mã	krokrok-ti	hupe	inũare
tamri	ser.rápido-Intens	DS	coruja-Aum	ser.rápido	Neg

Ele é mais esperto do que uma coruja

(182) Rop krɔr kitare hupêti mã rop hupê inũare

rɔp	krɔr	kitare	hupe-ti	mã	rɔp	hupe	inũare
onça	pintada	Valid	ser.rápido-Intens	DS	cão	ser.rápido	Neg

Uma onça pintada é mais rápida do que um cão

De acordo com Popjes e Popjes (1986) os comparativos são expressos por meio de duas marcas posposicionais em Canela-Krahô: *hirô pê* ‘mais do que’ e *hapyre mã* ‘menor que’. Segundo os autores, a ordem em que os itens ocorrem na sentença comparativa é a seguinte: o sujeito ou o item a ser comparado ocorre na oração inicialmente, em seguida vem o padrão de comparação, após aparece a posposição seguida pelo resto da oração, conforme o exemplo demonstra:

(183) Kryt Jaco japyre mã in-crire
 Kryt Jaco menos que 3-pequeno
 ‘Kryt é menor do que Jaco’

Nos dados da língua Parkatêjê anteriormente elencados, percebe-se que a partícula *kita* está presente na maioria das sentenças, o que pode ser uma evidência de que ela está relacionada à comparação de descritivos nesses contextos. Observe-se o exemplo³⁹ abaixo, em que há novamente uma estrutura comparativa, sem o descritivo, mas com a ocorrência de *kitare*:

(184) Jê, wa ka kupi ata nê, ka kitare to
 ze, wa ka kupi ata nê ka kitare to
 Jê 1 Fut kupi ata nê 2 Valid fazer
 Jê, eu quero fazer isso igual como você realmente faz

Sentenças como estas não estão claras e necessitam de um estudo mais específico que permita delinear as propriedades morfosintáticas das construções descritivas que expressam comparação. Por ora, podemos afirmar que existem sentenças comparativas na língua e que este é um fator que permite fazer distinção entre os descritivos e os verbos intrasitivos ativos.

5.1.4.5 Verbo ‘to’ e os descritivos

A causativização é um processo que ocorre em muitas línguas da família Jê. Em Canela-Krahô, por exemplo, qualquer verbo pode ser causativizado pelo uso do verbo

³⁹ Exemplo extraído de um dicionário em construção da Professora Leopoldina Araújo. As glosas foram incluídas pela autora desta dissertação.

transitivo *to/ton* ‘fazer’. Conforme Popjes e Popjes (1986, p. 142), “o verbo a ser causativizado é colocado em uma oração subordinada, que é marcada como tal pela posposição *na*, e que imediatamente precede o verbo causativo”⁴⁰, como o exemplo ilustra:

- (185) Capi te i-pej na i-ton
 Capi PAS 1-bom SUBORD 1-fazer
 ‘Capi me fez bem’

Em Parkatêjê ocorre situação semelhante, a causativização se faz evidente por meio do verbo transitivo *to*. Nesse tipo de construção, segundo Comrie (1976), o verbo causativo poderá receber um argumento a mais do que o verbo correspondente, mas que é não-causativo, isso ocorre por meio do acréscimo de um sintagma nominal que expresse a pessoa que acarreta determinada ação. Observemos os seguintes exemplos que se encontram na tese de Ferreira (2003):

- (186) a-to i-mpej -ti
 2-Caus 1-ser.bom -Intens
 ‘eu gosto muito de ti’ *lit.* ‘tu me fazes muito bem’

- (187) a-te to i-mpej -ti
 2-Erg Caus 1-ser.bom -Intens
 ‘eu gostei muito de ti’ *lit.* ‘tu me fizeste muito bem’

Nessas construções causativas, de acordo com a referida autora, o verbo intransitivo *S_o* causativizado passa a se comportar como verbo transitivo, à semelhança do que ocorre com os verbos ativos, pois um participante é incluído como sujeito do verbo transitivo. Dessa forma, “no caso de verbos do tipo *S_o*, descritivos, cujo *S* original é um pronome dependente, esse pronome continua preso à raiz verbal, porém com o verbo causativo, o *S* original passa para a função de *O*.” (FERREIRA, 2003, p. 203). Os dados que obtivemos com o verbo *to* ocorrendo com os verbos intransitivos descritivos, foram os seguintes:

⁴⁰ Tradução minha.

(188) Ìnxê te to mpo kahô nã to hànànĩre

ĩnxe te to mpo kaho nã to h-3n3-nĩre
 mãe Erg to Ind kaho SS Caus Rel-estar.saboroso-Enf
 Minha mãe fez uma comida que ficou saborosa, mesmo!

(189) Tõ te to krwa jiprô nã to mpej

tõ te to krwa zipro nã to mpej
 irmão Erg to flecha zipro SS Caus ser.bom
 O irmão dele fez uma flecha que ficou bastante afiada

(190) Kê ka ìnxê to mpo kato nã to hàn

ke ka ìnxe to mpo kato nã to h-3n
 IRR Fut mãe to Ind kato SS Caus Rel-estar.saboroso
 Minha mãe fará uma comida saborosa

Nas sentenças acima observamos que o verbo *to* ocorre em várias posições, mas preferencialmente antes do descritivo. Quando ocorre no meio da sentença, este verbo não parece expressar a causativização. Por outro lado, o verbo *to* que ocorre precedendo o descritivo é aquele que apresenta a função de causativizar. Conforme Ferreira (2003) ressalta, muitas vezes este verbo aparece antecedido ou precedido pela partícula *nã*. É o que se vê nos exemplos de (186) a (188).

Além disso, observa-se nos exemplos a ocorrência deste verbo duas vezes na mesma sentença, semelhante ao que ocorre em Panará. Conforme Dourado (2001), essa duplicação é comum em construções verbais seriais, isto é, ocorre que um dos verbos da série se duplica após o argumento nominal.

O verbo *to* conta ainda com outras atribuições, além de ser um causativo, pode ocorrer em seu sentido literal ‘fazer’, nesse caso aparece em posição final, e pode ocorrer como componente de uma construção serial verbal não ligado à causação, pois não inclui mais um participante agentivo e reúne dois verbos ou mais (cf. FERREIRA, 2003).

5.1.5 Algumas questões

No decorrer deste capítulo analisamos os descritivos em Parkatêjê, tecendo algumas comparações com outras línguas da família Jê quando necessário, bem como foram apresentados outros dados da língua, além daqueles presentes nas teses de Araújo (1989) e Ferreira (2003), os quais foram de fundamental importância para esclarecer nossa análise.

Considerando-se que, para organizar os itens lexicais em classes, os aspectos de maior relevância são aqueles referentes à morfossintaxe da língua, neste capítulo estamos tomando os itens lexicais que possuem sujeito sem volição ou controle, que expressam noções adjetivais e que apresentam partículas de tempo, aspecto e modo como verbos descritivos e, assim, como membros da subclasse de verbos intransitivos da língua.

Essa proposta se distancia daquela apresentada por Araújo (1989), segundo a qual estes itens lexicais seriam adjetivos, tendo em vista a função especificadora ou atributiva, isto é, leva-se em consideração o fato de esses itens poderem modificar tanto nomes quanto verbos, e a ocorrência com os sufixos de dimensão *-re* e *-ti*, diminutivo e aumentativo, respectivamente, os quais também ocorrem com nomes. Além também de diferir de nossa hipótese inicial, que não descartava a possibilidade de que os descritivos pudessem ser uma classe independente de adjetivos, ou, ainda, compor uma subclasse de nomes, devido ao fato de compartilharem algumas características com estes. Apesar de não desconsiderar estas características como fazendo parte da constituição morfossintática e semântica destes itens lexicais, decidimos tratá-los como verbos descritivos, em conformidade com Ferreira (2003) e Maciel (2013), em virtude de suas propriedades morfossintáticas, de fato, mais semelhantes às dos verbos intransitivos ativos.

A análise dos dados coletados especificamente para a elaboração da presente dissertação trouxe à tona algumas questões que ainda não nos foi possível esclarecer. Entre elas estão algumas construções no tempo passado com verbos intransitivos descritivos em que não há nem a partícula *aiku* nem a partícula *pê*, mas sim a partícula *te*. De acordo com Araújo (1989), essa partícula ocorreria com o verbo transitivo direto, após o sujeito, este podendo ser um nominal ou um pronome. Além disso, esta marca

poderia ser vista como uma antiga posposição, usada para sinalizar o sujeito aposentado numa voz passiva onde hoje em dia a morfologia

passiva do verbo não é mais presente. Neste caso, *te* seria uma espécie de sinal de caso ergativo, pois só ocorre com sujeito de verbo transitivo e não de verbos intransitivos. (ARAÚJO, 1989, p. 54)

Para a referida autora, então, esta partícula é uma marca de tempo passado que ocorre com verbos transitivos, e que pode ser usada também quando o sujeito é agente da ação verbal, bem como quando não há alguma outra marca de tempo remoto, tal como *ajkumẽ*, que significa ‘antigamente’. Araújo (1989, p. 53, 54) apresenta alguns exemplos, que seguem abaixo, para confirmar sua interpretação:

(191) Ka ate ixàr
 2a. 2a. T/A 1a. morder
 Tu me mordeste

(192) Roptyk te rop krã-katak
 Onça preta T/A cachorro cabeça morder
 A onça preta matou o cachorro

(193) Ajkumẽ mamkatêjê mpokahônxa pupu inõre
 Antigamente os primeiros panela ver Neg.
 Antigamente, os nossos avós não conheciam panela

Para Ferreira (2003) o *te* é marca de ergatividade⁴¹, como em outras línguas Jê, a qual ocorre no tempo passado, aspecto perfectivo:

(194) a- tẽ ita tõ⁴²
 2- Erg Dem fazer
 ‘tu fizeste isso’ (o Sol disse para a lua)

Observamos, contudo, ocorrências da partícula *te* nas sentenças contendo verbos intransitivos descritivos. Essa partícula se fez presente somente naquelas orações que apresentam o tempo passado, como se percebe nos exemplos a seguir:

⁴¹ Conforme apresentado no capítulo quatro, seção 4.2.1.1, da presente dissertação.

⁴² FERREIRA, 2003, p. 237.

(195) Ite mpo amji tyi mã itik

i-te mpo amji tti mã i-tik

1-Erg Ind Refl estar.cheio Posp 1-estar.barrigudo

Eu estava cheio e barrigudo *lit.* eu me enchi e fiquei barrigudo

(196) Ite tapu ipāk

i-te t-apu i-pāk

1-Erg t-Cont 1-estar.sujo

Eu [continuava] sujo

(197) Ite jũ jiroto-re

i-te jũ ʒ-irɔtɔ-re

1-Erg jũ Rel-estar.fraco-Aten

Eu estava fraco

Nos exemplos a partícula *te* aparece unida ao pronome dependente de primeira pessoa e no início da sentença, semelhante ao que ocorre nos exemplos de Araújo (1989) e de Ferreira (2003) para os verbos transitivos. Desse modo, ainda não está claro o porquê da ocorrência de *te* junto a descritivos nesses contextos e deverá ser verificado em estudos futuros.

Por fim, apresentamos o seguinte quadro, que sintetiza as características semânticas e morfossintáticas dos verbos descritivos em Parkatêjê:

VERBOS DESCRITIVOS	
Semelhanças com nomes	Ocorrem com <i>-re</i> e <i>-ti</i> .
	Ocorrem com prefixos relacionais.
	Ocorrem, predominantemente, com pronomes dependentes (em alguns dados com os pronomes livres).
	Ocorrem com a partícula de tempo passado <i>aiku</i> (em contextos específicos com <i>pê</i>).
	Ocorrem com partícula de tempo futuro <i>ka</i> .
	Ocorrem com advérbios de tempo, tais como <i>apẽnã</i> ‘amanhã’,

Semelhanças com verbos	<i>nōkām</i> ‘ontem’, entre outros.
	Ocorrem com as partículas de aspecto: <i>apu</i> , <i>kormã</i> , <i>apte</i> e <i>ry</i> .
	Ocorrem com as partículas de modo, tais como: <i>inũare</i> e <i>mũ</i> .
	Podem ser causativizados.
	Apresentam apenas um argumento nominal (S), sendo, assim, intransitivos.
	Apresentam argumento que os subdivide em S_o e S_{io} .
	Apresentam partículas de intensidade ou ênfase, como <i>nĩre</i> e <i>are</i> .
Características não-compartilhadas	Podem expressar qualidades, estados, sentimentos ou estados fisiológicos.
	Não ocorrem com o sufixo derivacional <i>-katê</i> .
	Podem modificar o nome e outros verbos, formando compostos com estes.
	Ocorrem em construções comparativas.
	Ocorrem com a partícula de modo irrealis <i>kê</i> .

Quadro 21: Características semânticas e morfossintáticas dos descritivos em Parkatêjê

Como se observa no quadro 21 as semelhanças morfossintáticas entre descritivos e verbos são inúmeras comparadas àquelas entre descritivos e nomes. Além disso, os descritivos apresentam características não-compartilhadas com as classes de nomes e verbos, o que os identifica como uma classe verbal que apresenta especificidades, tanto do ponto de vista semântico quanto do morfossintático, em relação aos verbos prototípicos da língua.

A partir da análise dos dados da língua Parkatêjê e da observação do tratamento dado por Araújo (1989) e por Ferreira (2003), acreditamos que a perspectiva de Ferreira seja a mais acertada para grande parte das questões que se verificam na língua em tela. Contudo, essa análise necessitava de evidências prementes quanto ao status dos itens lexicais descritivos serem considerados verbos, a saber, por exemplo, qual era o conjunto de partículas de tempo, aspecto e modo com que poderiam ocorrer. Esta é, portanto, a contribuição da presente dissertação de mestrado, que teve como objetivo principal o refinamento das evidências que confirmam o status verbal dos descritivos.

6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tratou dos descritivos em Parkatêjê e teve como principal objetivo confirmar o status verbal destes itens lexicais, a partir de uma abordagem tipológico-funcional.

Este trabalho foi composto por quatro capítulos, propriamente ditos, além da introdução e da conclusão. A primeira parte contextualizou a língua indígena alvo desta pesquisa, nesse capítulo foi possível reunir informações gerais sobre o povo e a língua Parkatêjê, tais como localização, cultura, situação sociolinguística, bem como aspectos fonéticos e fonológicos sobre a língua.

Na segunda parte, apresentamos as principais características semânticas e morfossintáticas das classes de nomes, verbos e adjetivos – esta última em contraste com as primeiras – existentes nas línguas humanas de uma maneira geral, com base em Givón (1984), Lyons (1979), Dixon (1982), Bhat (1994), Thompson (1988), Schachter (1985), entre outros. Além de traçar algumas considerações sobre os descritivos em línguas Jê.

Na terceira parte, realizamos uma revisão dos estudos já realizados acerca das classes de palavras especificamente em Parkatêjê, em especial nomes e verbos, bem como discutimos algumas hipóteses levantadas acerca dos descritivos na língua. Os principais trabalhos que embasam este capítulo são os de Araújo (1989) e Ferreira (2003).

A quarta parte tratou da análise específica dos descritivos em Parkatêjê. Neste capítulo tratamos das semelhanças entre descritivos, verbos e nomes, bem como das diferenças, isto é, características que somente os descritivos apresentam, e das relações com os pronomes e os prefixos relacionais. Do mesmo modo, apresentamos os aspectos morfossintáticos que são verificados junto aos descritivos, tais como as partículas de tempo passado (*aiku*, em contextos específicos *pê*) e tempo futuro (*ka*); as partículas de aspecto (tais como *apu*, *kormã*, *apte* e *ry*), as partículas de modo (tais como: *inũare* e *mũ*), as partículas de intensidade ou ênfase (como *nĩre* e *are*), a partícula de modo

irrealis (*kê*), entre outros. Todas as características semânticas e morfossintáticas encontradas com os descritivos foram sintetizadas no quadro 22. Assim, por meio deste estudo foi possível confirmar o status verbal dos descritivos. Concluímos, então, que estes itens lexicais compõem a classe de verbos intransitivos da língua Parkatêjê.

Algumas questões surgiram ao longo da pesquisa e estão dispostas ao longo da presente dissertação, estas dizem respeito a algumas partículas e marcações que ocorreram nos dados coletados especificamente para este trabalho. Como, por exemplo, a marca de ergatividade *te* (comum a verbos transitivos), as ocorrências com a partícula *pê* em co-ocorrência com *aiku* (que, para Ferreira (2003) é uma partícula indicadora de passado remoto), que ocorrem não somente nos dados elicitados, mas também em narrativas orais, mais especificamente as que expressam tempo passado, além de descritivos em construções comparativas, as quais necessitam de estudo mais aprofundado.

Por fim, acreditamos que o presente estudo contribui para uma maior compreensão do funcionamento da língua Parkatêjê, em especial dos verbos descritivos, pois estes apresentam não só aspectos semelhantes aos verbos, como partículas de tempo, aspecto e modo, mas também características semânticas e morfossintáticas particulares desta subclasse, que podem auxiliar em futuras comparações com outras línguas indígenas do tronco Macro-Jê.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávia de Castro. *O timbira falado pelos Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese de doutorado. Campinas/SP: [s.n.], 2004.

AMADO, Rosane de Sá. Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê. Tese de doutorado. São Paulo: [s.n.], 2004.

ANDERSON, Stephen R. Inflectional morphology. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. *Semântica gerativa da língua gavião-jê*. Dissertação de mestrado. 1977.

_____. *Aspectos da língua Gavião-Jê*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

BHAT, D. N. S. The adjectival category: criteria for differentiation and identification. *Studies in Language Companion Series*, Vol. 24. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1994.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COMRIE, B. The syntax of causative constructions. In: SHIBATANI, M (ed). *The grammar of the causative constructions*. Syntax and semantics, vol. 6. New York: Academic Press, 1976.

CROFT, W. *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

DIK, S. C. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht Holland/ Providence RI-USA, Foris Publications, 1989.

DIXON, Robert M. W. *Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton, 1982.

_____. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, Colette. *Noun classes and categorization*. *Studies in Language Companion Series*, Vol. 7. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1986.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R.M.W and AIKHENVALD, A. (eds). *Adjective classes: Across-linguistic typological study*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DOURADO, Luciana. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de doutorado. Campinas/SP: [s.n.], 2001.

FREITAS, Marília Fernanda Pereira de Freitas. *Revisitando os verbos em Parkatêjê: questões relevantes para um estudo morfossintático*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

FERRAZ, Iara. *Os Parkatêjê das matas do Tocantins: a epopeia de um líder Timbira*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 1984.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo Morfossintático da Língua Parkatêjê*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. *Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê*. DELTA 21 (1): 1-21, 2005.

GIVÓN, T. *Syntax: A functional-typological introduction*. Vol. 1. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: an introduction*. Vol 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. *The discourse basis for lexical categories in universal grammar*. Language, vol 60, nº 4, 1984.

JÕPAIPAIRE, Toprãmre Krôhòkrenhum. *Mẽ ikwỳ tekjê ri: Isto pertence ao meu povo*. Marabá, PA: GK NORONHA, 2011.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MACIEL, Rafaela Viana. *Adjetivo ou descritivo em Parkatêjê? Um estudo morfossintático preliminar*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MOORE, Denny, GALUCIO, Ana Vilacy e GABAS JR, Nílson. *O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas*. Revista *Scientific American (Brasil)*, nº. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.etnolinguitica.org/media: set2008>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

MORESI, Eduardo (Org.). *Metodologia da pesquisa*. Brasília, 2003.

NEVES, Cinthia de Lima. *Análise acústica das vogais orais da língua parkatêjê*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

PAYNE, Thomas. *Describing morphosyntax. A guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

POPJES, Jack & POPJES, Jo. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, Desmond C. & PULLUM, Geoffrey K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. Análise morfológica de um texto Karajá. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna & CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora UnB, 2005.

RODRIGUES, Aryon D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. *Delta*, São Paulo, 9 (1): 83-103, 1993.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SCHACHTER, Paul. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Language typology and syntactic description*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

THOMPSON, Sandra A. A discourse approach to the cross-linguistic category 'adjective'. In: HAWKINS, John A. (ed). *Explaining language universals*. Oxford: Blackwell, 1988.